



Tropas dos EE.UU., servindo-se de pontões feitos de lona e de galhos de árvores, fazem a rápida travessia de um riacho, com seus veículos

EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 9



UM TANQUE AVANÇANDO DURANTE UMA INVASÃO



Soldados americanos se agacham atrás das árvores enquanto um tanque destrói as posições dos japoneses nas matas de Bougainville

Unidas Na GUERRA E NA PAZ

ENQUANTO a guerra entra na sua fase decisiva na Europa e na Ásia, os Estados Unidos estão dando novos passos na sua política exterior, afim de apressar a vitória das armas aliadas e garantir a paz futura. O objetivo principal dessa política, agora, tal como tem sido no período anterior à guerra, é fortalecer de todas as maneiras o poder militar das Nações Unidas e facilitar o sucesso pelas armas com o menor sacrifício de vidas.

Mas com a crescente superioridade bélica dos aliados sobre o Eixo, superioridade que assegura a vitória, a posição dos Estados Unidos nos problemas de após-guerra assume cada vez maiores proporções nos assuntos mundiais. A parte que as Américas desempenham nesse particular foi acentuada pelo Secretário de Estado Cordell Hull, por ocasião do seu discurso proferido no Dia Panamericano, este ano:

“Diante de nós, cidadãos deste hemisfério, abrem-se magnas oportunidades. A ação concertada, que tem com tanta pujança florescido entre as Nações da América, tornar-se-á, ao fim da luta, indispensável ao desenvolvimento do nosso bem-estar econômico e ao estabelecimento de uma organização internacional destinada a prevenir o ressurgimento de guerras mundiais. Juntos, já o disse, previmos os perigos da guerra; apontámo-los, precavemo-nos contra eles. Juntos, temos de encarar a obra ingente—que é, cada vez mais, a da paz, e prepararmo-nos para empreendê-la em comum.”

As bases fundamentais da política do país podem resumir-se nos seguintes princípios:

1. Que a tarefa diplomática dos Estados Unidos em todo o mundo deve considerar, antes de mais nada, as necessidades militares para assegurar a vitória por meio da cooperação entre todas as nações aliadas, cujo principal objetivo é derrotar as forças do Eixo.

2. Que a política internacional dos Estados Unidos deve exprimir, tanto quanto possível, a vontade dos seus 135.000.000 de habitantes, que lhes dão a força necessária e determinam suas possibilidades e limites; que, por conseguinte, essa política deve refletir os princípios, as idéias, as aspirações e a maneira de agir do povo, maneira que se baseia fundamentalmente em considerações de seu próprio interesse.

Os objetivos fundamentais são:

1. A vitória dos Estados Unidos sobre a Alemanha, o Japão e seus satélites, e a extirpação do nazismo e do fascismo na Europa e na Ásia.

2. O restabelecimento, em tempo mais próximo quanto possível, da ordem e da estabilidade nas regiões libertadas, por meio de governos populares, alheios a revoluções e a reações, antes dedicados aos processos democráticos.

3. A criação de um organismo internacional composto de nações soberanas, tendo por base a associação dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Rússia e da China, mas que inclua, futuramente, todas as nações, grandes e pequenas, para a manutenção da paz e para decidir as disputas internacionais, estimulando outrossim o progresso social e político, por meio de uma economia vigorosa, capaz de garantir as aspirações nacionais de cada povo, através do seu próprio esforço, mas num ambiente de cooperação.

O método de alcançar esses objetivos é a unidade de ação entre as Nações Unidas, baseada no domínio do direito e da moralidade, reconhecendo e harmonizando seus verdadeiros interesses. Com esse fim em vista, a política exterior dos Estados Unidos, apesar das diferenças naturais de opinião quanto à maneira específica de alcançar os objetivos, se desenvolve acima dos interesses partidários, apoiada firmemente na opinião pública.

Nos Estados Unidos, conquanto as relações exteriores sejam atribuições do Presidente, a ação do Congresso tem grande importância. Graças ao seu frequente contato eleitoral com a povo, o Poder Legislativo é geralmente considerado como um reflexo da vontade nacional.

Muito antes do país entrar na guerra, por exemplo, o Congresso anulou a lei do embargo de armas, para permitir o fornecimento de armamentos às nações amigas; e foi mais além, ao aprovar, como um instrumento de defesa nacional, a lei de empréstimos e arrendamentos. O Poder Executivo e o Congresso compartilharam da responsabilidade desses dois atos de caráter internacional.

O Secretário de Estado Cordell Hull já solicitou o parecer e a cooperação de importantes elementos do Senado e da Câmara dos Representantes, assim como de numerosos cidadãos de destaque no país inteiro, com relação à política exterior dos Estados Unidos.

“Uma página de história vale por um tomo de lógica,” já disse o grande juriconsulto e filósofo Oliver Wendell Holmes. A política formulada pelo Secretário Hull, de fato, está baseada nas lições inexoráveis da história.

O período que se seguiu à última guerra mundial oferece valiosos ensinamentos aos estadistas de hoje, em matéria de relações internacionais. O pacto da Liga das Nações, conforme foi apresentado pelo Presidente Wilson, deixou de receber os necessários dois terços da votação do Senado dos Estados Unidos, para sua ratificação, porque alguns dos senadores não estavam de acordo com certas cláusulas do pacto. A Liga das Nações ficou, assim, sem a completa participação dos Estados Unidos. Durante os anos que se seguiram, o nacionalismo econômico e político criou rai-



O Secretário de Estado Cordell Hull, em discurso, no dia Panamericano, enaltece a unidade interamericana como fator essencial para uma boa paz



O Sub-secretário de Estado Edward R. Stettinius Jr. em Londres, tendo à esquerda Anthony Eden, Ministro dos Estrangeiros, da Inglaterra, e John Winant, Embaixador dos E.E.UU.



A ação do Vice-Presidente da República e Presidente do Senado Henry A. Wallace tem tido grande projeção no escopo da política exterior. Vêmo-lo aqui com Mme. Chiang Kai-shek, esposa do líder da China, depois de assistirem uma missa, em Washington. Em baixo: o Presidente Franklin D. Roosevelt em conferência com o vice-almirante R. Fenard, da Marinha francesa



zes numa atmosfera de descontentamento, de miséria e de desilusão em muitos países; o militarismo extremado, o rearmamento e os planos de conquista do mundo e de dominação ganharam ascendência e arrojaram o mundo na maior guerra da história.

E' para evitar a repetição dessa verdadeira calamidade que os Estados Unidos estão orientando os objetivos da sua política exterior. Os dois principais partidos políticos nacionais estão de acordo com a participação do país numa obra de colaboração política e econômica de caráter universal. Um brilhante exemplo de realizações positivas no campo das relações internacionais é a expressiva unidade interamericana, obra sistemática dos povos de vinte e uma repúblicas soberanas do Hemisfério Ocidental, algumas delas sem idioma nem tradição cultural em comum, mas todas unidas por uma mesma devoção fervorosa à causa da liberdade humana e da independência nacional. Essa unidade de pensamento e de ação alcançada nas terras da América oferece um notável exemplo para o futuro do mundo e para o progresso social, político e econômico de todos os povos. E' sobretudo no terreno econômico, que o exemplo de cooperação interamericana se revela como um dos mais proveitosos para o mundo. A combinação dos recursos e das vastas matérias primas das outras Américas com os recursos industriais dos Estados Unidos tem contribuído enormemente para o crescente êxito da guerra contra a Alemanha e o Japão, ao mesmo tempo que tem trazido outros benefícios para as nações que cooperam com os aliados. A política exterior dos Estados Unidos é baseada em princípios e em fatos que datam de muito antes da presente guerra — destacando-se entre os princípios, por exemplo, o que originou a política de Boa Vizinhança neste Hemisfério. A sua aplicação específica entre as Américas, nestes últimos anos, assumiu a forma de uma cooperação, primeiro para o estabelecimento de firmes alicerces para a paz, e, mais tarde, quando ficou reconhecido o plano de agressão das potências do Eixo passou a adotar medidas efetivas de defesa do continente americano.

A guerra e seus efeitos nas Américas

A ENTRADA dos Estados Unidos e de outras Repúblicas Americanas na guerra aumentou mais ainda a íntima colaboração que já existia no terreno militar, econômico e político, a bem dos interesses da vitória, neste conflito sem precedente nos anais da história do mundo.

No campo mais vasto da colaboração mundial, a política internacional encontrou sua expressão em documentos de alta significação, tais como a Carta Atlântico, à qual todas as Nações Unidas aderiram, e nas declarações resultantes das conferências de Moscou, de Teerã e do Cairo. Alguns desses documentos, além de reafirmarem acordos militares específicos para apressar a derrota do Eixo, põem de manifesto a determinação das potências signatárias de agir em harmonia, para dar solução aos problemas que surgirem no período de após-guerra, problemas que tão de perto interessam a todos — beligerantes e neutros.

Em conferências internacionais, nas quais as nações americanas têm se feito representar, as Nações Unidas têm reafirmado sua determinação de agir conjunta e solidariamente nos planos de auxílio e de rehabili-



O Congresso também está estudando os problemas de após guerra e das relações exteriores. A gravura mostra uma sub-comissão do Senado em conferência com o Secretário de Estado. Da esquerda para a direita: Secretário Hull e senadores Walter F. George, Tom Connally, A. H. Vandenberg, W. R. Austin, Guy M. Gillette, W. H. White e A. W. Barkley

tação das regiões devastadas pela guerra, e na consideração dos problemas da produção e da distribuição de alimentos depois da guerra. Os objetivos finais e os resultados alcançados por essa política de colaboração internacional, durante a guerra e para depois da paz, têm merecido expressivo apoio popular, tanto nos Estados Unidos, como nas demais nações interessadas.

Ao adaptar sua ação política a cada situação em particular, o Poder Executivo dos Estados Unidos tem se mantido em íntimo contato com o Poder Legislativo e, mais diretamente, com o povo, informando-os dos fatos e das medidas tomadas, afim de garantir tanto a sua continuidade de ação, como a efetiva unidade de colaboração.

Ao regressar de sua viagem a Moscou, onde foi conferenciar com os representantes soviéticos, britânicos e chineses, o Secretário Hull firmou o precedente de comparecer pessoalmente perante o Congresso, para expôr os objetivos e os resultados da sua missão. O apoio que recebeu de ambos os partidos políticos animou bastante as esperanças futuras. A avançada dos exércitos aliados e a ação decisiva que se aproxima, criaram numerosos problemas diplomáticos, para cuja solução é urgente que as Nações Unidas entrem em acordos especiais. O sucesso das discussões diretas e das negociações, de caráter militar e de caráter político, durante a guerra, recomenda essa maneira de agir na solução dos problemas que surgirem depois de terminado o conflito. As missões diplomáticas e econômicas, tais como as que foram realizadas pelo Sub-secretário de Estado Edward E. Stettinius Jr.; as levadas a efeito por vários representantes diplomáticos, em Londres, em Abril deste ano, e a

do Vice-Presidente Henry Wallace, à China, têm produzido os melhores resultados, sendo que várias outras missões se encontram ativas, em Washington e noutras capitais. Ao mesmo tempo, afim de estimular a discussão pública e promover a unidade na política nacional, o Secretário de Estado Hull e demais altos representantes oficiais têm se externado francamente a propósito das atividades diplomáticas do passado e do presente, esclarecendo e indicando a forma de ação futura mais conveniente para alcançar os vastos objetivos nacionais. As relações com as nações neutras constituem um detalhe no qual as considerações de caráter militar são de extraordinária importância.

Agora que o poder militar das Nações Unidas "aponta somente uma solução para a guerra," o Secretário Hull declarou que esse fato não expõe as nações neutras a uma destruição inevitável.

Vencer para organizar

PRIEIRO que tudo impõe-se a derrota do inimigo, expulsando o do território francês e do território de todas as nações vizinhas. Isto, naturalmente, requer toda a autoridade do supremo comandante militar. Mas de maneira a alcançar a estabilidade, é indispensável que a autoridade civil na França seja exercida por franceses, tanto quanto permitirem as operações militares. Torna-se também necessário que as bases materiais da vida do povo francês sejam restauradas imediatamente.

A forma definitiva do governo francês e os elementos de que o mesmo se comporá, declarou o Secretário Hull "deverá ser deixada à livre e espontânea escolha do povo francês," mas, para organizar logo de início uma administração civil

francesa, o governo dos Estados Unidos está disposto a "deixar que a Comissão Francesa de Libertação Nacional assuma a direção no estabelecimento da lei e da ordem, sob as vistas do comandante-em-chefe aliado."

"E' nosso propósito firme e inabalável," afirmou ainda o Secretário de Estado, "prestar auxílio ao povo francês, nosso amigo mais antigo, para que possa criar uma administração democrática idônea e essencialmente francesa para o território francês libertado."

Na Itália, igualmente, o objetivo dos Estados Unidos é contribuir para o estabelecimento, com a maior brevidade possível, de um governo italiano livre e democrático. Aliás já há indícios de sucesso nas atividades dos partidos políticos na Itália — um renascimento, depois de 21 anos, da ciência política e da atividade que indicará o caminho para a expressão final do povo italiano na escolha do seu governo. A reconstrução política do país tem sido feita tão rapidamente quanto permitem as considerações de ordem militar.

Acentuando a questão referente a uma organização destinada a manter a paz e a impedir a agressão, afirma o Secretário Hull:

"Impõe-se que uma organização dêse gênero seja baseada em compromissos firmes e obrigatórios de que as nações-membros não recorrerão à força, umas contra as outras, nem contra qualquer outra nação, salvo de acordo com os entendimentos assentados. Impõe-se que ela providencie acerca da manutenção de forças adequadas para a preservação da paz, e sobre as instituições e medidas, às quais, na prossecução dêse desiderato, compete chamar essas forças à atividade da sua razão de ser."

O SOLDADO DE INFANTARIA



Protegidos, na sua avançada, pelo fogo das metralhadoras, estes intrépidos soldados de infantaria dos Estados Unidos atravessam um curso d'água, na Nova Guiné, em sua contínua perseguição aos invasores japoneses.

No Exército dos Estados Unidos, o soldado de infantaria é o combatente mais indispensável. É o "infante" que, em toda a modestia das suas funções, se destaca nas operações de guerra mais difíceis, quando, de carabina em punho e ao pé do seu equipamento, arroja o perigo, avança indômito, pelos caminhos mais invios, pela lama, pelo mato e pelas pedras e sob todas as condições do tempo. E, muitas vezes, depois de 48 horas de marcha forçada, é obrigado a entrar em combate e a passar sem comer, sem beber e até sem dormir, durante longos períodos.

Ele é o soldado que já se tornou lendário nas páginas da história militar, como elemento insubstituível para alcançar a vitória. Hoje, como sempre, é o soldado de infantaria que vái na frente, para atacar e manter as posições tomadas ao inimigo. Nas Aleutas, na África, na Itália e nas numerosas ilhas do Pacífico, assim como nos territórios capturados ou retomados às forças do Eixo, pelas

Mesmo na guerra moderna, continua sendo o primeiro em combate

tropas das Nações Unidas, o poder naval, o da artilharia, o das divisões blindadas e o das forças aéreas se fizeram sentir através dos seus tremendos ataques contra o inimigo, mas foi a infantaria que levou a efeito a decisão final.

Nesta guerra, o soldado de infantaria deve ter completo conhecimento do manejo intrincado de nada menos de 15 armas diferentes, e estar pronto para lutar contra um inimigo preparado e astuto, em terreno de natureza variada, desde as montanhas cobertas de gelo, até as regiões áridas e ardentes do deserto e as matas densas e úmidas da

zona tropical. Tem que empregar um método diferente de combate em quasi todos os teatros da guerra. Na Nova Guiné, por exemplo, não há linha de frente para o soldado de infantaria, nem trincheiras protegidas por sacos de areia, abrigos subterrâneos ou cercas de arame farpado, como durante a última guerra, na França, em 1918. A guerra de trincheira estava fadada a não se repetir. Ficou sendo a guerra estática.

"Não combatemos mais assim," lembra um soldado de agora, coberto de lama. "Os japoneses se concentram na frente, nos flancos e até na nossa retaguarda. Temos que procurá-los, matá-los e continuar avançando."

Diariamente, as patrulhas saem engatinhando das verdadeiras covas onde passam a noite, quasi sem dormir, e seguem pelo lamaçal causado pelas chuvas. A noite alivia um pouco o calor úmido e pegajoso da mata, mas o inimigo continua. Conforme relatam experimentados combatentes,

os japoneses, durante a noite, mantêm intermitente o fogo rasteiro das suas metralhadoras, para obrigar o adversário a permanecer dentro dos esconderijos. Enquanto isso, protegidos pela sua própria metralha, arriscam-se a avançar, aproximando-se das trincheiras. Quando estão bem ao alcance, lançam granadas de mão e fogem. O inimigo usa toda sorte de ardis para impossibilitar qualquer descanço. Mas o soldado de infantaria dos Estados Unidos já se tornou um perito no combate na selva, sobrepunhando mesmo o japonês.

"A guerra," relata um infante em operações na Itália, "quer dizer noites de frio, sem dormir, cercado de toda falta de conforto: barba crescida, emaranhada, cara suja, pés em petição de miséria, enfim, uma situação que, além de tudo, é de imprevistos. A roupa enrijece com a lama. De dia, o soldado cava, sua e se arrasta pelo chão, avançando lentamente, sobre pedras e lamaçais, vadando rios e galgando montanhas. Quando chega



Tropas de infantaria norte-americana na campanha italiana, em San Vittore, dando, caça aos atiradores de tacóia alemães. Em baixo: uma coluna de infantaria numa estrada no norte da Birmânia, dirigindo-se para atacar os japoneses. O comandante da coluna é o General de Brigada Frank Merrill, que também tem sob seu comando numerosas tropas chinesas instruídas por oficiais norte-americanos, em vários pontos da China, tomando parte na grande ofensiva





A falta d'água é um constante problema para os soldados de infantaria dos Estados Unidos na sua campanha nas selvas. Estes soldados transportam o precioso líquido num longo percurso, na ilha de Bougainville

a noite, sente-se o frio até os ossos. As descargas da artilharia inimiga parecem explodir dentro dos ouvidos."

Em qualquer invasão anfíbia, é o soldado de infantaria que luta até terminar a obra. Quasi sempre está bem apoiado pelo bombardeio naval e aéreo, mas é ele que se incumbem de liquidar até os últimos atiradores de tocaia, que, de pontos estratégicos vão ceifando vidas e delongando a ocupação final do território inimigo.

O soldado de infantaria não espera

O SOLDADO de infantaria não pode cavar uma trincheira e aguardar o desenrolar dos acontecimentos. Em Salerno, essa pratica custou vultuosas perdas para os aliados. Agora, a ordem é "forçar a ação, avançar sempre". Se as cercas de arame farpado dificultam a avançada, não há outro recurso senão destruí-las com torpedos ou escalá-las mesmo sob o fogo intenso das metralhadoras e dos morteiros do inimigo.

Em geral, há áreas minadas e os sapadores pouco tempo têm para explorar o terreno e destruir as minas. Os alemães, especialmente, são de uma prodigalidade incomparável no uso de minas. O simples tropeço num pequenino arame, quasi imperceptível pode causar a explosão de uma dúzia de granadas de efeitos tremendos. O soldado de infantaria, mais do que qualquer outro, está exposto a esse constante perigo.

A artilharia dos aliados, as metralhadoras e até os tanques lançam uma chuva contínua de ferro e aço, que vá atingindo as posições inimigas, espalhando a destruição e a morte. Mas, mesmo as bases de ferro e cimento em que se assentam os canhões inimigos de maior calibre, são objetivos que compete ao soldado de infantaria destruir, aproximando-se das mesmas, para pô-las fóra de combate. A terra e a lama em redor dessas bases formam uma proteção que só se pode eliminar com uma descarga direta. Para essa operação, o soldado de infantaria arroja-se com temeridade, sob o intenso tiroteio que o cerca por todos os lados.

Se a batalha se prolonga por quatro ou cinco dias, isto dizer que o soldado passou quatro ou cinco dias mal alimentado e mal dormido.

"Qualquer veterano," afirma o correspondente Ernie Pyle, da imprensa norte-americana, "pode reconhecer pela expressão da fisionomia, o soldado que tem estado muito tempo nas linhas de combate. Seu olhar é opaco, inexpressivo, como que sem os menores reflexos das reações do cérebro."

O que mais caro paga a vitória

É POR isso que, à medida que os exércitos das Nações Unidas intensificam a luta, os chefes militares mostram-se unânimes em reconhecer o valor do soldado de infantaria e a necessidade de aumentar mais ainda os efetivos dessa importante arma. Porque é bem possível que ainda caiba à infantaria a luta, passo a passo, até os redutos de Berlim e do Tóquio.

O soldado de infantaria é, por tudo isso, o que mais caro paga o preço da vitória. O general de brigada William H. Wilbur calcula que, para cada combatente de artilharia ou das forças aéreas morto pelo inimigo, há 30, 50 e até 100 soldados de infantaria que morrem em combate.

Numa saudação ao soldado de infantaria dos exércitos aliados, o tenente-general Leslie J. McNair, comandante-em-chefe das forças terrestres dos Estados Unidos, declarou que "apesar da fascinação do público pela fase mecanizada da guerra moderna, nós, das forças armadas, bem sabemos que o fim da guerra não se realizará no mar, nem no ar, mas em terra. A infantaria, com suas armas e seus serviços de apoio, se encarregará dos encontros decisivos, por isso que, as defesas fixas da "Fortaleza da Europa" somente podem ser tomadas e mantidas pelo soldado de infantaria."

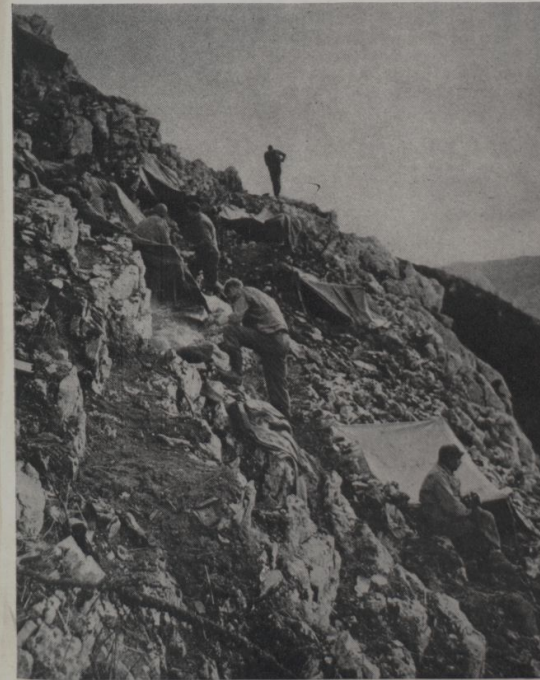
Apesar de dispôr atualmente de armas modernas, que lhe aumentam o poder ofensivo, e de contar com melhores recursos para a sua própria defesa, o soldado de infantaria continua a ser, essencialmente, um combatente a pé, para o qual todos os acidentes do terreno, por menores que sejam, são muito importantes.



As condições de vida, durante uma campanha, são das mais prementes. Raramente são servidas refeições quentes. Vemos na gravura um soldado fazendo apressadamente uma das refeições, que consiste de alimentos concentrados, que ele mesmo carrega. Em baixo, vêmo-la dormindo da melhor maneira e quando lhe é possível, no fundo duma trincheira



Em Cerasuolo, na Itália: soldados americanos, de infantaria, salvam um companheiro, dos escombros de um edifício atingido por uma bomba. São riscos a que se expõem constantemente as tropas da velha arma



Na frente italiana, nas encostas escarpadas de Venafro, estas tropas se acomodam temporariamente. A linha inimiga fica em cima da crista da montanha





Ross Rorkelson, filho do capitão-tenente Torkelson, examina, com sua mãe, a Cruz de Distinção Aeronáutica, conferida a seu pai, desaparecido durante em combate

POR CORAGEM E HEROISMO

NA página ao lado vêm-se onze condecorações conferidas pelo governo dos Estados Unidos aos combatentes do Exército, da Armada e das Forças Aéreas. Algumas são destinadas a recompensar extraordinários atos de heroísmo; outras se referem à participação em determinadas guerras, campanhas ou expedições, ou a certos serviços específicos. Os distintivos especiais são concedidos por demonstração de competência e habilidade, cabendo geralmente aos atiradores, pilotos e paraquedistas.

Estrela de Prata. Conferida, desde 1942, aos militares que se tenham distinguido pela sua bravura no campo de batalha, mas cuja ação não se enquadre nos méritos referentes à Medalha de Honra do Congresso ou à Cruz de Mérito Militar.

Cruz da Marinha. Criada em 1919. É conferida ao pessoal da Armada, por extraordinário heroísmo em operações de guerra.

Legião do Mérito. Criada pelo Congresso, em Julho de 1942, para os membros das forças armadas dos Estados Unidos e das nações amigas, que se distinguem por sua conduta meritória no desempenho de serviços extraordinários. O general de brigada Amaro Soares Bittencourt foi o primeiro oficial estrangeiro a merecer essa distinção— "por seus notáveis esforços a bem de uma cooperação mais íntima e eficaz entre o Brasil e os Estados Unidos."

Medalha de Soldados. Condecoração instituída em 1926, destinada a premiar os militares dos Estados Unidos ou cidadãos estrangeiros servindo nas forças armadas norte-americanas, por atos de heroísmo que não sejam em combate com o inimigo. O tenente Jack S. Clay foi distinguido com essa medalha, por ter salvo, com risco da própria vida, um piloto, cujo avião incendiado, aterrissara num aeródromo dos Estados Unidos.

Medalha do Congresso. É o galardão mais elevado conferido pela nação, sendo o único outorgado em nome do Congresso. Foi criada pelo Congresso Nacional durante a guerra civil. É concedido unicamente àqueles que, em luta contra o inimigo e excedendo os limites do seu próprio dever, se distinguem pela sua intrepidez e bravura excepcionais, com risco da própria vida, no serviço da pátria. A recompensa

póstuma demonstra que o herói deu o que Abraham Lincoln chamou, na sua famosa oração de Gettysburg, "a última prova da sua devoção."

Distintivo de Combate de Infantaria. Criado em 1943, é conferido a oficiais e soldados de infantaria dos Estados Unidos, que se distinguem pela sua conduta exemplar, ou demonstrem especial pericia em combate.

Cruz de Serviços Distinguidos. Criada em 1918, destinada aos militares que se distinguem por seu extraordinário heroísmo em operações militares contra o inimigo.

Cruz de Distinção Aeronáutica. Estabelecida em 1926. Conferida aos membros das forças aéreas dos Estados Unidos, que se distinguem por atos de valor e por feitos extraordinários durante vôos. Foi concedida a 265 oficiais e soldados da Quinta Força Aérea dos Estados Unidos, por terem mantido ininterruptas as operações aéreas contra os japoneses no sul do Pacífico.

Medalha de Serviços Distinguidos. Condecoração criada em 1919 para premiar os membros das forças armadas do país que hajam servido depois de 6 de Abril de 1917 e que hajam se distinguido por serviços de mérito excepcional, em missões oficiais de grande responsabilidade. O coronel Jacob E. Smart a recebeu por ter concebido o plano de bombardear as refinarias de petróleo de Ploesti, na Romênia.

Coração Purpúreo. Concedida aos membros das forças armadas dos Estados Unidos, cujos ferimentos recebidos em combate contra o inimigo, requeiram hospitalização. Muitas enfermeiras do Exército e da Armada já foram distinguidas com essa medalha. Sua entrega, postumamente, é feita ao parente mais próximo do combatente que fôr morto em combate ou que morrer em consequência dos ferimentos recebidos no campo de batalha. A condecoração foi instituída pelo general George Washington, em Agosto de 1782, e foi a primeira a ser conferida aos combatentes em geral, oficiais e praças, sem distinção de posto.

Medalha da Aviação. Estabelecida em Maio de 1942 para premiar ações de mérito extraordinário, ocorridas em operações aéreas, por aviadores militares e navais dos Estados Unidos. Esta é uma das condecorações aéreas mais modernas



Estrela de Prata



Cruz da Marinha



Legião do Mérito



Medalha de Soldados



Medalha do Congresso



Distintivo de Combate de Infantaria



Cruz de Serviços Distinguidos



Cruz de Distinção Aeronáutica



Medalha de Serviços Distinguidos



Coração Purpúreo



Medalha da Aviação

INDUSTRIAIS DE AMANHÃ

O RÁPIDO desenvolvimento industrial das Repúblicas Americanas está produzindo novas fontes de riqueza e novas oportunidades de ocupação proveitosa, aumentando, ao mesmo tempo, a procura de operários especialistas para numerosos trabalhos.

O manejo de máquinas e de ferramentas modernas requer uma perícia que não se pode improvisar; somente com o tempo, com estudo e muita prática pode ser adquirida completa e eficientemente.

Os educadores, em todas as Américas, que previram o advento da era industrial em sus respectivos países, delinearam planos que estão agora sendo realizados com excelente sucesso. E como resultado da sua previsão, foram criadas escolas profissionais, de artes e ofícios, de acordo com o sistema educativo existente, assim como vários cursos preparatórios necessários para as carreiras científicas. A mecânica mereceu um destaque especial na preparação para a indústria.

Um desses educadores de grande visão é o Dr. Jorge González, que tem a seu cargo a direção de doze escolas rurais na Venezuela. Na cidade de Caripito ele fundou uma escola que bem pode servir de modelo para a preparação técnica profissional que tanto interessa as demais Repúblicas Americanas, agora decididamente empenhadas na generalização do ensino com um escopo essencialmente prático.

No terreno montanhoso da região, onde as torres dos poços de petróleo se elevam entre as árvores e a vegetação silvestre, o estudo da agronomia é tão essencial quanto a preparação de qualquer outro ofício ligado ao desenvolvimento local.

Por isso, o Dr. González, compreendendo a natureza do problema, organizou um plano de ensino que se enquadra admiravelmente na economia do continente, porque combina o fomento agrícola com o desenvolvimento de conhecimentos essenciais para o trabalho na fábrica moderna.

Essa instituição modelar é a escola rural Andrés Bello, que está instalada num moderno edifício, amplo, cômodo e com todas as facilidades para o seu proveitoso fim. O gramado que adorna a parte fronteira do estabelecimento é dividido por um passeio de cimento que conduz à entrada do edifício. Can-



Alunos numa escola, em Caripito, Venezuela, familiarizando-se com as ferramentas. Jorge Gonzalez, director da escola, juntamente com R. Hugos e R. Olivares, examinam uma mesa feita por alunos mais adiantados

No Uruguái —numa aula do curso de arquitetura, de onde sairão os construtores de amanhã. Aí, os alunos, de ambos os sexos, estão se preparando para satisfazer a procura de profissionais especializados para numerosos trabalhos, públicos e particulares. A educação técnica profissional tem feito grandes progressos no país, nestes últimos anos.

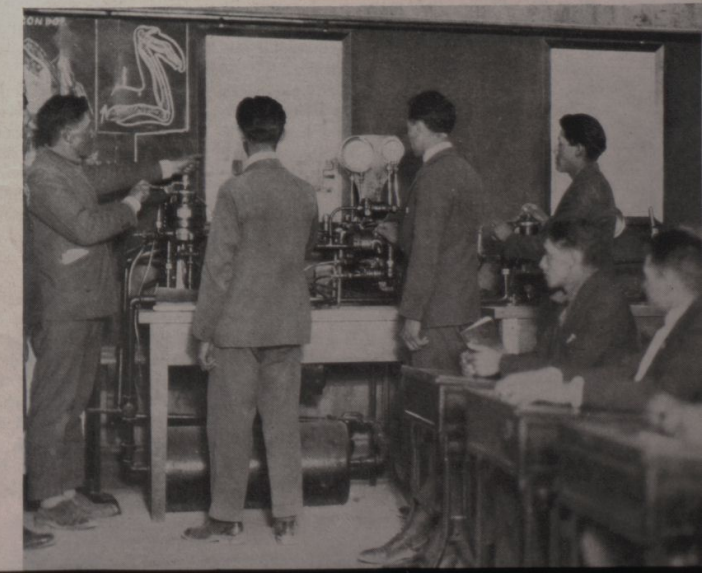


Maria A. Carvalho e H. Gonzalez, numa aula de química no Colégio Mackenzie, de São Paulo. Mais de 200.000 alunos estão fazendo cursos especializados, no Brasil

Numa escola pre-vocacional, em Hermosillo, México, durante uma aula de costura e de bordados feitos a máquina, parte do importante curso de ciência doméstica elementar



A aviação progride nas Américas: uma aula de técnica de vôo na Escola Aero-náutica de El Bosque, no Chile, onde os estudantes seguem os métodos mais modernos





No Instituto Nacional de Mejía, de Quito, Equador, cujos cursos de química constituem um dos mais desenvolvidos, formando numerosos futuros profissionais

teiros de flores, cuidadosamente desenhados, se encerram em círculos feitos de conchas das praias do Mar das Antilhas. Logo à entrada, à direita, está uma grande sala, onde se encontra a oficina de lavar metais e madeiras, com ampla luz que jorra por suas numerosas janelas. Aí, os alunos mais adiantados passam uma hora e meia, manejando numerosas ferramentas modernas, em trabalhos que lhes serão de grande utilidade futura. Na sala ao lado está o *atelier* de desenho.

O Dr. González está frequentemente nas salas de aula, animando e ajudando os alunos em seus trabalhos e problemas. Seu objetivo é contribuir o mais possível para que todos quantos frequentam os cursos da escola adquiram um conhecimento básico essencial não somente para o ofício que escolherem, como também para iniciarem os cursos mais adiantados. Estes se moldam, naturalmente, num programa de ensino cuja continuidade se prende aos conhecimentos adquiridos na fase escolar preparatória, que é de suprema importância.

Nos terrenos por trás da escola está a horta, na qual cada aluno passa outra hora e meia cultivando o seu próprio setor. O resto do tempo é empregado nos estudos normais de história, de matemática, de línguas e outras matérias.

Os cursos abertos para os operários e demais trabalhadores da região têm tido uma aceitação extraordinária, superlotando a escola.

A sede de conhecimentos técnicos tem se generalizado nas Repúblicas Americanas nestes últimos dez anos. Afim de satisfazer o desejo de aprender novos ofícios e novos métodos industriais, foi conveniente mandar professores aos Estados Unidos, para fazerem cursos de aperfeiçoamento num campo de conhecimentos práticos sem par no mundo. De regresso a seus respectivos países, esses professores têm dado grande desenvolvimento aos cursos estabelecidos, disseminando novas técnicas e, sobretudo, despertando um maior in-

teresse pelo estudo e pela aplicação de novos conhecimentos, de há muito considerados indispensáveis para qualquer tentativa de resultados duradouros e generalizados.

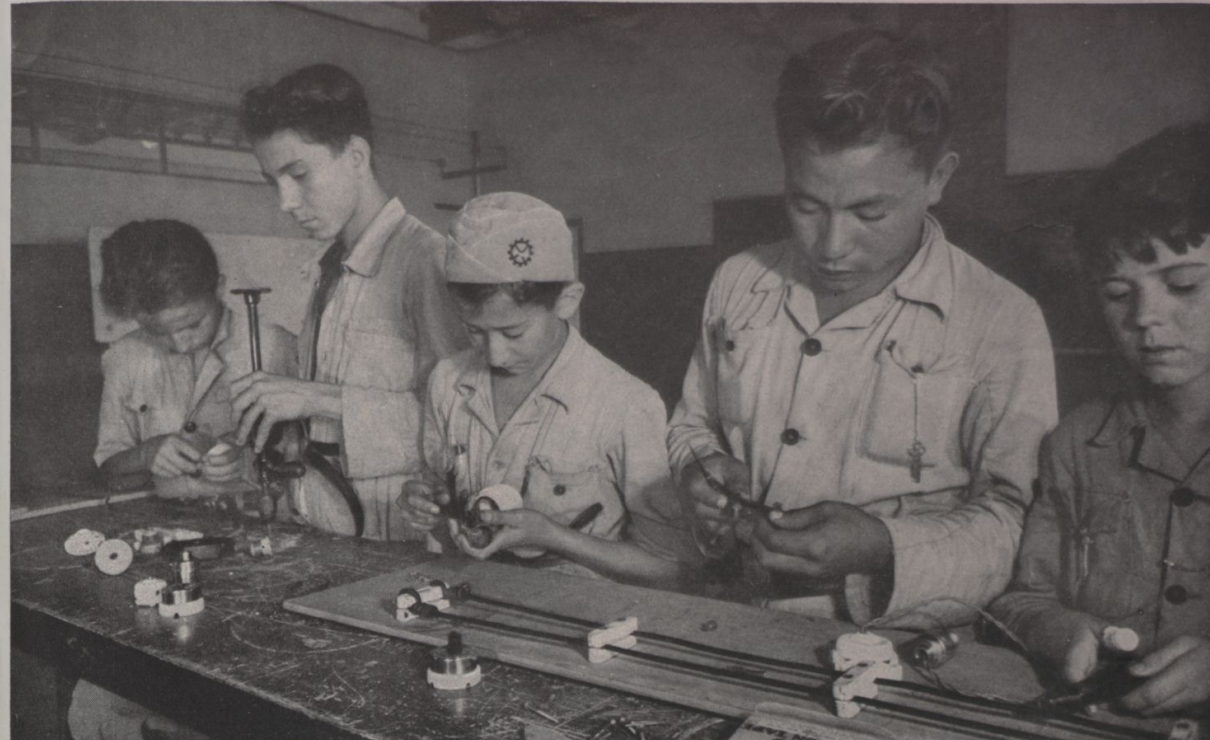
Se não fossem suas indústrias nascentes, as nações americanas estariam sentindo muito mais profundamente os efeitos da guerra. Não podendo importar da Europa nem dos Estados Unidos muitos artigos de uso indispensável, as fábricas locais têm atendido satisfatoriamente às necessidades do mercado, cada vez mais crescente.

As indústrias mais importantes, como a de siderurgia e de produtos químicos têm se desenvolvido mais lentamente. Não obstante, em algumas das nações maiores, nota-se atualmente um grande impulso nessas indústrias, dando-lhes um caráter de produção definitiva e valiosíssima para o progresso dessas nações. Mas é aí que se impõe a necessidade de pessoal técnico, em condições de dar pleno desenvolvimento às indústrias.

O ensino profissional

HA no Brasil mais de 200 escolas de artes e ofícios, com uma frequência de mais de 200.000 alunos, que se familiarizam com a moderna técnica e com as modernas máquinas e ferramentas. Em estabelecimentos de ensino mais avançado, desenvolvem o estudo das ciências, abrindo novos e mais amplos horizontes no conhecimento prático de inúmeras atividades profissionais de grande benefício para o progresso agrícola, industrial e econômico do país. Os jovens que hoje frequentam os cursos especializados estarão amanhã à frente das empresas industriais que estão se organizando agora ou de outras cujos projetos de organização ainda estão em estudos.

Dentre os estabelecimentos de ensino técnico profissional, no Brasil, destacam-se a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e a Escola de Minas de Ouro Preto. No ano passado foi criada



A industrialização no Brasil está exigindo um crescente número de técnicos profissionais. A gravura acima mostra um flagrante de um dos cursos de preparação



Na Escola de Artes e Ofícios de Lima, Perú: os alunos Oscar Castro Robles, Cesar Mifflin e José Cavassa entregam-se com todo interesse, à sua habilitação profissional. A rápida industrialização do país está absorvendo todos os graduados

no Rio de Janeiro uma nova escola comercial, patrocinada pelo Departamento de Serviços Públicos, com a cooperação do Coordenador de Assuntos Interamericanos. Outras Repúblicas Americanas estão sendo executados programas educativos com o mesmo objetivo, através da cooperação do Coordenador de Assuntos Interamericanos. Como parte desses programas estão sendo concedidas várias bolsas para os estudantes que desejarem fazer seus cursos nas escolas técnicas norte-americanas, ou que preferirem seguir cursos práticos de aperfeiçoamento nas grandes fábricas nos Estados Unidos. Técnicos especialistas norte-americanos estão sendo enviados para vários estabelecimentos de ensino nas demais nações americanas, para desenvolver o ensino técnico profissional.

A preparação de técnicos

A EXTRAÇÃO do carvão e o tratamento dos minerais recebem atenção especial, por isso que as nações americanas possuem ricos depósitos de minérios ainda por explorar, os quais serão necessários para as novas indústrias. Quanto à metalurgia, os estudos estão sendo feitos de preferência ao tratamento e à refinação de minerais, assim como à fabricação de ferramentas de aço e de carbono, para trabalhar aqueles minerais.

Como exemplo da cooperação nesse sentido podem citar-se algumas escolas recém-abertas no Perú e na Colômbia, destinadas a preparar operários especialistas para as indústrias, e de aumentar a produção dos gêneros alimentícios, por meio da preparação de professores e de cursos especializados em numerosas escolas profissionais. Nos respectivos cursos, o uso do filme educativo faz parte como elemento essencial no aproveitamento.

No Chile há 22 escolas de curso industrial, para as quais os candidatos deverão ter terminado o curso secundário regular. Uma delas, a de minas, em Copiapó, pode comparar-se com a famosa Esco-

la de Minas de Estado do Colorado, nos Estados Unidos. Existem ainda várias escolas técnicas femininas e 24 escolas comerciais, cujos programas de ensino correspondem ao que há de mais importante na habilitação para o comércio moderno.

No Palácio da Inquisição, em Cartagena, Colômbia, está agora instalada uma excelente escola superior de comércio, com considerável frequência. Nas escolas pre-vocacionais do México são admitidos alunos de 12 anos de idade, sendo de dois anos a duração do curso. Terminado este, entram para as escolas vocacionais, onde são preparados para as escolas superiores de ensino profissional em qualquer dos ramos que escolherem. A frequência elevada dos cursos superiores bem demonstra o desenvolvimento do ensino no México.

No Perú, na sua capital, Lima, há uma escola secundária, a Escola de Artes Ofícios, que é característica das escolas vocacionais mantidas pelo governo. Está sob a direção do tenente-coronel Erasmo Reyna, que se graduou no famoso Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos. É um estabelecimento dotado de numerosas oficinas, onde o curso é essencialmente prático. Nêle têm se formado numerosos profissionais atualmente ativos no desenvolvimento industrial de sua pátria.

Além de preparar artífices que se dedicam imediatamente a vários trabalhos que demandam conhecimento especial, a escola também fornece instrutores, alunos que ali se aperfeiçoam para servir noutras escolas do país, nas quais a concorrência tem aumentado em todos os cursos.

As escolas mencionadas são apenas algumas dentre as muitas que, nas demais nações americanas, estão contribuindo eficientemente para a disseminação do ensino técnico profissional de acordo com os métodos mais adiantados. São centros de preparação, de onde estão saindo os técnicos, os especialistas e os líderes industriais de amanhã.

MATERIAIS DAS OUTRAS REPÚBLICAS AMERICANAS, QUE ENTRAM NA CONSTRUÇÃO DE UM COURAÇADO



COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES
Petróleo, Grafita

CABOS DE AÇO
Antimônio, Chumbo

AEROPLANO
Alumínio para pistões e cilindros,
Madeira, Glúcinio

MÁCHINAS
Ligas de Aço

CONDENSADORES
Mica

BATERIAS
Antimônio, Manganês, Grafita,
Titânio, Chumbo

OFICINA
Soldas: Estanho
Ferramentas: Tungstênio,
Glúcinio, Diamantes

MATERIAL ELÉTRICO
Mercúrio, Mica, Quartzo,
Tungstênio, Grafita, Platina,
Cobre, Diamantes

MUNIÇÃO
Antimônio, Crômio, Mercúrio,
Cobre, Zinco, Chumbo,
Estanho, Tungstênio

AÇO
Manganês, Grafita,
Vanádio, Titânio,
Molibdeno

ALIMENTOS
Carnes, Café,
Cacau, Frutas

MEDICAMENTOS
Antimônio, Quinino,
Mercúrio, Iodo,
Platina, Linhaça

SALVA-VIDAS
Cortiça, Pina

PIROTÉCNICA
Antimônio

VESTUÁRIO
Botas de Borracha,
Lã,
Capas de Borracha

COURAÇAS
Crômio, Tungstênio

PINTURA ANTI-CRUSTÁCEA
Mercurio

O PODEROSO couraçado, assim como os outros navios da esquadra dos Estados Unidos, é essencialmente um produto da terra, dos campos e das florestas do Hemisfério Ocidental, que está assim contribuindo para a derrota do Eixo. Desde a ponta do mastro até a quilha, o mais poderoso navio de combate é um conjunto de materiais de quase todas as Repúblicas Americanas — de materiais que são não somente vitais para a sua construção, como também para sua mobilidade e seu poder ofensivo.

O mesmo acontece com relação às outras armas de guerra das Nações Unidas. A produção de tanques, de aviões, de canhões e de numeroso equipamento bélico adicional depende de centenas de produtos do Novo Mundo.

Os olhos do couraçado — os dois aviões de observação que catapultam em pleno ar — necessitam de alumínio para seus pistões, de glúcinio para os cilindros, de madeira balsa para a fuselagem e de outros materiais oriundos das Américas.

As Américas Central e do Sul fornecem o mercúrio, a mica, o quartzo, o tungstênio, a grafita, a platina e o cobre necessários para os "ouvidos" do navio, o complexo sistema elétrico e delicado de aparelhos detectores do som. As baterias requerem antimônio, manganês, grafita, titânio e chumbo.

Os grandes canhões de torre têm manganês, vanádio, titânio e molibdeno na composição do seu aço — o material indispensável para os armamentos. As ligas de aço para as máquinas, são fornecidas também pelos países da América, assim como o antimônio e o chumbo para os cabos.

Na grande enfermaria de bordo há remédios e instrumentos fabricados com matérias químicas e metais produzidos nas outras repúblicas. Há a quinina, o iodo, o mercúrio, o antimônio e a linhaça. Botas, capas e outras peças do vestuário e do fardamento dos oficiais e praças contém borracha e lã das outras nações do Hemisfério. E assim por diante, em todo o navio.

O couraçado é protegido por chapas de aço enrijecido por meio de ligas de crômio e de tungstênio. Os altos explosivos dos seus projéteis devem a sua eficiência ao antimônio, ao crômio, ao cobre, ao mercúrio, ao chumbo, ao zinco, ao estanho e ao manganês.

Desde que se bate a quilha de um couraçado até o seu acabamento são precisos dois anos de hábil planificação e trabalho. E quando, depois de terminado, está pronto para o serviço de guerra, o navio é uma criação de todo o Hemisfério — um instrumento de ataque e de defesa interamericano.

Muitos dos filmes que são usados nas escolas dos Estados Unidos mostram a cultura e a vida econômica e social nas outras repúblicas do Hemisfério

O CINEMA NA ESCOLA

PARA muitos cépticos que, há vinte e tantos anos, ouviram falar, pela primeira vez, em "educação visual", o uso do filme cinematográfico nas salas de aula foi considerado como coisa custosa e passageira. "O cinema é diversão," diziam eles. "As crianças estão na escola para estudar e aprender, não para se distraírem."

Mas, para verificar se os filmes poderiam ser efetivos no ensino, numa escola, no Estado de Ohio, foi feita uma série de provas. Numa delas, um assunto sobre geografia foi ensinado através do livro e do filme. Durante dez dias, uma professora e sua turma, composta de meninos e meninas, estudaram os rios, nos respectivos livros escolares. Enquanto isso, outra turma de alunos via e discutia com sua professora um filme educativo intitulado "O trabalho dos rios", que tratava do mesmo assunto. Quando os alunos foram submetidos a um exame da matéria, aqueles que tinham visto o filme, durante sua exibição de 15 minutos, responderam melhor às questões do que os alunos que estudaram nos livros, durante dez dias.

Esta e outras provas convenceram os educadores e os pais de que as crianças se recordam dos fatos mais longamente, formam idéias mais claramente e compreendem melhor um assunto quando o mesmo lhes é apresentado visualmente. As próprias crianças aprendem os fatos e as teorias mais facilmente quando, por exemplo, vêem como vivem as formigas ou como crescem as plantas.

"Nunca pude compreender a teoria molecular em física," disse uma aluna, "mas o filme que vimos tornou tudo muito claro, porque apareciam pequenas bolas para representar as moléculas."

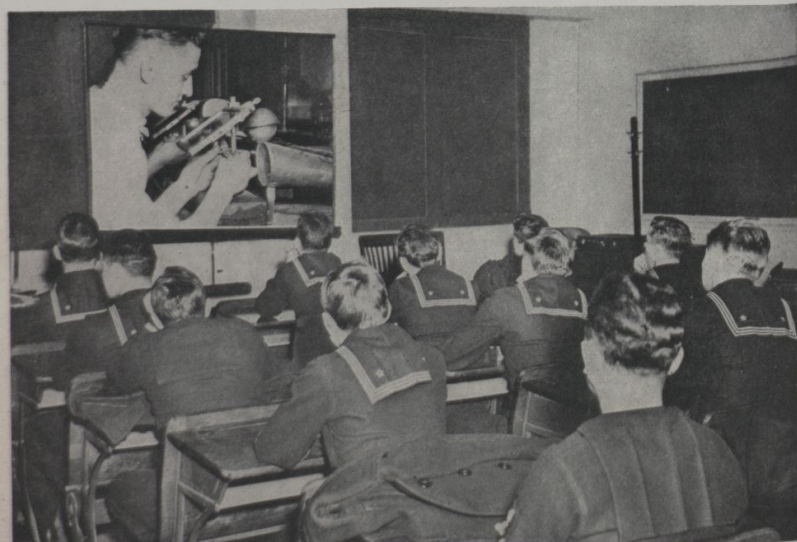
Conquanto fosse até recentemente muito lenta a aceitação geral da educação visual, alguns educadores começaram a tratar do assunto, enquanto a indústria do cinema ainda estava na sua infância. Por exemplo, foi em 1905 que, nas escolas públicas de St. Louis, Missouri, se deu início a uma coleção de chapas de lanterna mágica para a educação visual. Pouco depois, a filmoteca da Universidade de Wisconsin foi organizada e, desde então,

tem se desenvolvido ao ponto de ser uma das mais completas do mundo, com 3.000 rolos de filmes sobre 1.500 matérias, de interesse generalizado. Nos primeiros tempos do cinema, muitos gerentes também compreenderam a importância do papel do filme na educação da criança. Durante o inverno de 1915, em Albany, Nova York, um gerente de cinema exibiu filmes educacionais para as crianças todos os sábados de manhã. Um programa mais elaborado foi organizado pelo proprietário de cinemas em Washington, cinco anos mais tarde. Todos os sábados, seus seis cinemas exibiam filmes educativos que tinham sido previamente revistos e estudados pelas professoras públicas. Durante um período de 50 minutos estudava-se e discutia-se o filme, de um rolo, cuja exibição era repetida.

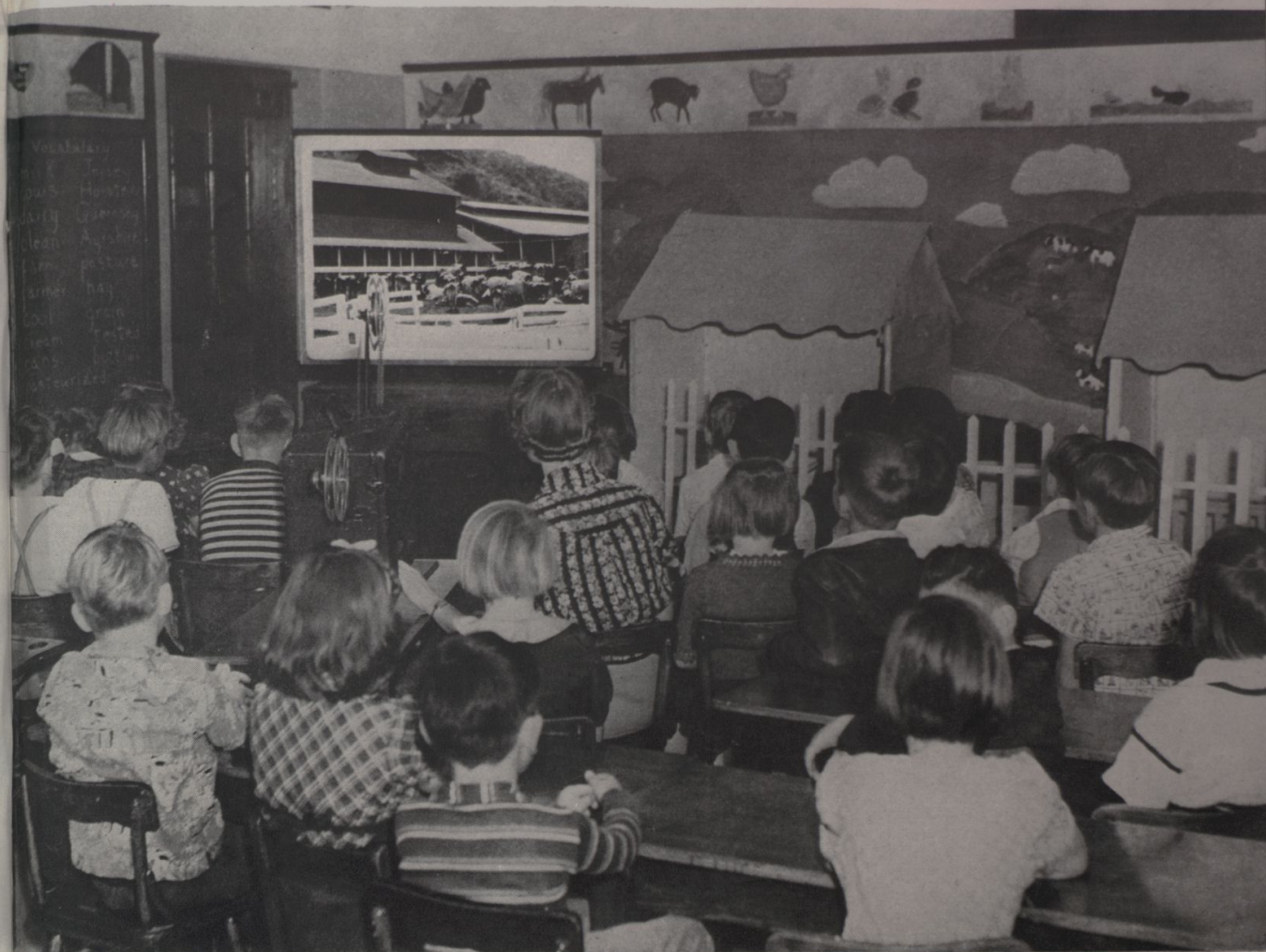
Esses foram os primeiros do eficiente e generalizado programa de filmes que se adota atualmente nas escolas nos Estados Unidos. Mais de 40 cidades possuem agora as suas próprias filmotecas. Rochester, no Estado de Nova York, por exemplo, fornece 1.500 rolos de filmes e centenas de chapas de lanternas máquinas às suas escolas. Os assuntos variam desde "As montanhas do mundo" até "Como fazer casas para botões." Dentre os filmes mais populares sobre outros países destacam-se inúmeros a respeito das Repúblicas Americanas.

As cidades menores alugam os filmes das universidades, enquanto que muitas vilas os tomam por empréstimo das coleções dos distritos maiores. O filme educativo difere das demais produções essencialmente no fato de ser destinado a certas idades e certos níveis de inteligência, sendo seus assuntos escolhidos de maneira a serem correlatos com as matérias escolares. Idéias científicas podem ser explicadas e expostas através da câmara lenta como por exemplo, o crescimento das plantas, ou por meio de desenhos animados, mostrando, digamos, como o mosquito condúz o gérmen da malária.

Nestes últimos anos, a preparação de filmes educativos tem se expandido consideravelmente em dois campos: o de treinamento técnico e prático militar e do referente a assuntos deste hemisfério.



Aprendendo pelo cinema a técnica dentária, numa clínica da Marinha dos Estados Unidos, onde a instrução, em todos os ramos das forças armadas, está se servindo dos filmes para abreviar, eficientemente, todos os cursos técnicos



A educação visual através do filme, numa escola da Califórnia. Os educadores verificaram que as crianças aprendem mais depressa por esse moderno sistema



Nas outras nações americanas o filme educativo também está tendo grande aplicação. Vemos na gravura crianças brasileiras assistindo à exibição de um filme sobre os EE. UU.



Nos Estados Unidos, as filmotecas mandam empregados às escolas públicas incumbidos de ensinarem as professoras a maneira de exhibir os filmes escolares



FRUTOS DA COOPERAÇÃO

Empregados e empregadores, em mais de 4.000 fábricas dos EE. UU., reúnem-se periodicamente, por meio de representantes, para tratar do aumento da produção

Alcançando Produção Maior e Mais Rápida

O AUMENTO da produção de guerra nos Estados Unidos prende-se essencialmente a fatores de ordem técnica, mas, não há dúvida que a cooperação entre empregados e empregadores tem contribuído consideravelmente para alcançar êsse objetivo. Há, por exemplo, casos tais como o do empregado do comércio, com acentuada vocação para a mecânica, que inventou um grampo magnético para certas peças, durante sua soldagem, evi-

tando assim que os soldadores se expusessem às queimaduras que ocorriam frequentemente nessa operação; o caso do professor de música que propôs a organização de programas musicais, em discos fonográficos, para as fábricas, afim de amenizar as horas de intenso trabalho; ou ainda, o pequeno industrial que conseguiu que as lojas e os armazéns da sua localidade ficassem abertos três vezes por semana, durante a noite, para conveniência dos operários que não tinham tempo de fazer suas compras durante o dia. São iniciativas essas que têm ajudado bastante o aumento e a rapidez da produção de armas, de munições e de numerosos petrechos de guerra, quando o país mais necessita de dispôr dos mesmos em enormes quantidades para as suas forças combatentes. Em mais de 4.000 fábricas dos Estados Unidos essa espécie de coope-

ração tem merecido especial atenção de comissões especialmente organizadas, compostas de operários e de patrões, num total de quasi oito milhões de pessoas.

As comissões têm por fim reunir, através de seus respectivos representantes, todos os elementos interessados em obter o máximo de produção dentro do mínimo de tempo. E em quasi todas as fábricas, as comissões têm conseguido o seu importante objetivo, por meio do estudo e da aceitação de sugestões e de idéias apresentadas por todos quantos, familiarizados com o seu ramo de atividade, não raro encontram possibilidades de aperfeiçoar melhorando. São vantagens que se estendem tanto ao uso das máquinas e aos métodos de produção, como também à sua economia e a dos materiais. As comissões conseguem também impulsionar o

Nas fábricas, as comissões indicam um representante para solucionar os problemas referentes aos empregados, quanto a ausências e outras causas de delonga



rítmo da produção, através do estudo das causas da ausência de muitos operários e de acidentes que motivam o afastamento dos mesmos durante longos períodos. Prêmios e incentivos servem para despertar o interesse no trabalho, por meio de concursos, para distinguir aqueles cuja frequência for maior. Recompensas também são concedidas àqueles que submeterem lêmas sugestivos, tais como "Perder tempo é perder vidas", "Armar a tempo é ganhar a guerra", e outros, que são afixados em lugares bem visíveis, nas oficinas.

Divulgando os fatos

Convencidos de que todo operário bem informado produz melhor, as comissões organizam gráficos e dados estatísticos sobre a produção de guerra no país inteiro. Panfletos, boletins e outras publicações ligeiras são fartamente distribuídas, explicando os vários problemas de produção e orientando os operários em todos os detalhes necessários para o melhor rendimento do seu trabalho.

O andamento da guerra em todas as frentes é igualmente assunto que merece atenção das comissões, para informar todos quantos estão diretamente ligados à tarefa da produção bélica. Cartas recebidas de antigos operários, que estão atualmente nas forças combatentes, são afixadas nas fábricas, para serem lidas por todos. Oficiais do Exército e da Armada, altos funcionários públicos e veteranos da guerra, recentemente desligados, são convidados para visitar os estabelecimentos industriais e relatar como estão sendo usadas em combate as armas fabricadas pelos operários.

Outra fase do trabalho das comissões é a de zelar pela saúde e pelo bem-estar dos operários. A assistência médica e dentária, a facilidade de transporte, os restaurantes econômicos, as crèches e outros cuidados indispensáveis, para evitar perda de tempo e sacrifício da saúde, contribuem para manter o operário bem disposto para o trabalho, desenvolvendo assim a sua produção.

Dessarte, os resultados da cooperação entre empregados e empregadores são numerosos. Quanto às sugestões recebidas pelas comissões, para melhorar a produção, uma vez estudadas e adotadas, são extensivas a numerosas outras fábricas, através de uma organização especial que se encarrega de centralizar todos os pedidos de informações a respeito.

Um programa essencial

As comissões começaram a desenvolver suas atividades no primeiros meses do ano passado, quando a Junta de Produção de Guerra convidou representantes dos empregados e dos patrões em todas as indústrias de guerra, afim de participarem conjuntamente da execução de um programa destinado a incrementar o mais possível a produção de material bélico. As comissões aliás são um produto da iniciativa de empregados e empregadores que, de há muito tempo, têm se interessado em cooperar para um melhor rendimento do trabalho industrial, beneficiando todos os interessados. Antes de o govêrno lançar a sua campanha para a formação de comissões especiais, já havia várias organizações similares, funcionando com excelentes resultados em muitas fábricas da indústria bélica.

Todas as semanas se organizam novas comissões. Na importantíssima indústria de armamento funcionam mais de 500. Já existem em 423 fábricas de artigos de ferro e de aço, assim como em 158 fábricas de aviões e de acessórios.

Os diretores de uma grande fábrica de aviões, na Califórnia, afirmam que "os resultados durante o ano e meio em que a comissão tem estado funcionando revelam uma economia de 150.000 horas de trabalho, devido a melhoras que aumentaram consideravelmente a nossa produção. Estamos agora produzindo muito mais, com muito maior facilidade."

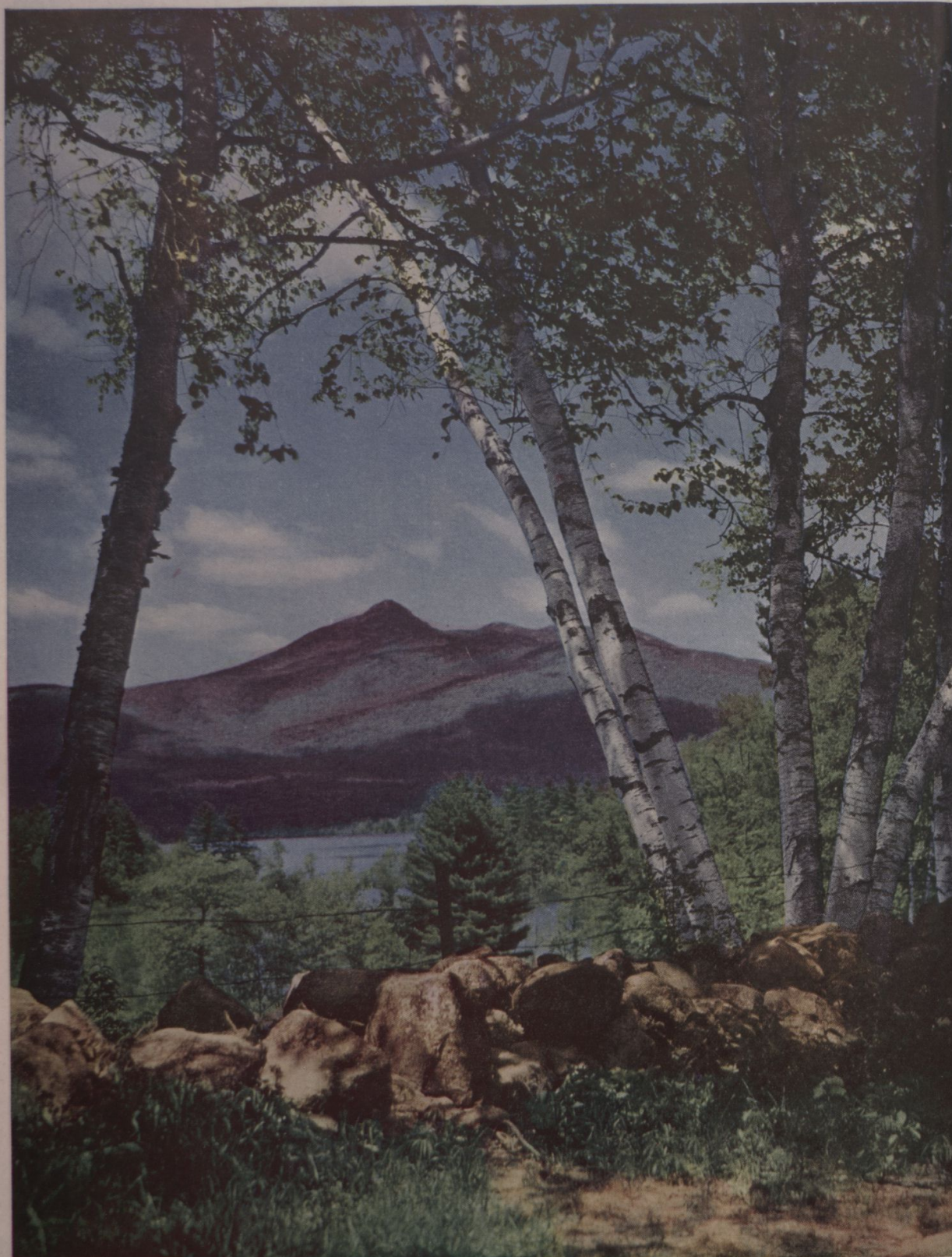


Sob os auspícios da Junta de Produção de Guerra, as comissões divulgam em todos os detalhes a marcha da produção no país inteiro, através de gráficos e estatísticas afixadas em lugar visível, nas fábricas de material bélico



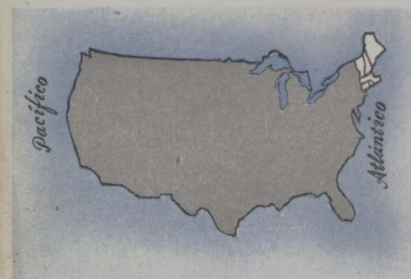
Aspecto do serviço de refeições ambulantes instituído em várias fábricas, para proporcionar todas as facilidades aos operários. Em baixo: um dos contrôles bimanuais, invenção de um operário, para uma máquina de furar. As comissões animam todos os operários a estudarem os vários problemas ao seu alcance, afim de poderem fazer sugestões que sirvam para aumentar a produção. Numerosas idéias e sugestões têm sido apresentadas e adotadas





O majestoso monte Chocorua, no Estado de Nova Hampshire, é característico da beleza natural da região da Nova Inglaterra. A montanha, vista aqui através de uma rústica moldura de lindas árvores, atrai, todos os anos, para esta parte dos Estados Unidos, inúmeros entusiastas da natureza e turistas. O nome de de Nova Inglaterra data de 1614

OS ESTADOS DA NOVA INGLATERRA



DENOMINA-SE Nova Inglaterra a área do nordeste dos Estados Unidos que foi o ponto de partida da colonização do continente norte-americano. Ai se radicaram e se desenvolveram, graças ao movimento imigratório europeu, os princípios de uma cultura tipicamente norte-americana, que se estendeu à região hoje ocupada pelos Estados do Maine, de Nova Hampshire, de Vermont, de Massachusetts, de Rhode Island e de Connecticut. Estes Estados, quando colônias, tiveram, naturalmente, a vantagem da antiguidade sobre a maior parte das outras colônias que foram se desenvolvendo lentamente de outras origens.

A região da Nova Inglaterra, logo de início, foi privilegiada pela natureza, por isso que, situada ao longo da costa do Atlântico, estava em contato imediato com aqueles que então buscavam um refúgio. A rocha de Plymouth, na costa de Massachusetts, por exemplo, permanece como um símbolo do espírito acolhedor da Nova Inglaterra. Os grupos de imigrantes europeus que primeiro desembarcaram ali e noutros pontos da costa formaram os elementos pioneiros do movimento que, avançando para o oeste, foram lançar as sementes da democracia no solo norte-americano.

Durante muitos anos, os habitantes da Nova Inglaterra, apesar da sua fértil imaginação, nunca avaliaram a extensão dos domínios que viriam a ser seus, mas, não obstante, já revelavam uma consciência na-



Apesar do manto de neve, é certa a aproximação da primavera quando o mel começa a escorrer das árvores de bordo, na Nova Inglaterra. Este casal está perfurando os troncos para extrair o mel e reduzi-lo a açúcar



Em Portland, Connecticut, há um dos mais antigos moinhos de especiarias da Nova Inglaterra. Os mercadores da região importavam numerosas especiarias das Antilhas



O mar tem proporcionado meio de vida a muitas gerações de habitantes da Nova Inglaterra. A gravura mostra um aspecto da costa rochosa da região, em Massachusetts

cional. Tinham vindo para uma terra de oportunidade, onde a iniciativa individual iria aferir as capacidades e estabelecer, em elevado grau, tanto a prosperidade individual como a prosperidade coletiva. Alguns dedicaram-se à tarefa de expandir a nação, outros ajudaram a edificá-la. Aqueles que se afastaram, na aventura, levaram consigo algo que era da Nova Inglaterra, para semear e para colher em regiões distantes. Mas a maioria permaneceu e, com o decorrer do tempo, foi recebendo a colaboração de outras gentes, vindas de outras terras, e que também buscavam melhores oportunidades e, acima de tudo, liberdade. Eram irlandeses, alemães, espanhóis, portugueses, italianos e poloneses, de Europa, e franceses, do Canadá. Todos trouxeram sua contribuição para o processo de caldeação, ao mesmo tempo que iam se assimilando à vida da Nova Inglaterra nas plagas da América.

Nessa nóvel colônia, a agricultura era, naturalmente, de capital importância. A vida dependia do amanhã da terra. E durante muitas gerações, a rígida economia do seu povo girou em torno da produção do solo. Mas a era de auto-suficiência, imposta aos pioneiros por circunstâncias imperiosas, não podia durar para sempre. Mesmo entre os primeiros colonizadores havia aqueles que reconheciam a impossibilidade de um isolamento permanente. O comércio com o exterior seria apenas um comércio unilateral, se não dispusessem de navios para o transporte dos produtos do seu trabalho, da lavoura e da manufatura. Aliás no próprio continente americano havia mercados esperando, assim como na Europa, embora estes fossem mais limitados, devido a várias circunstâncias.

A evolução industrial

A EVOLUÇÃO que se verificou, desde a casa da fazenda, que era então a fábrica de todos os artigos de uso diário, até a grande indústria de hoje, se fez lenta mas persistentemente. O solo da Nova Inglaterra não era dos mais generosos e a sua riqueza mineral, escassa, se encerrava em formações rochosas. Seus recursos naturais eram os rios que se projetavam de lagos situados nas montanhas e, com exceção da área que hoje constitui o Estado de Vermont, separado do Atlântico pelo Estado de Nova Hampshire, a longa costa rochosa recortada de numerosas e magníficas florestas. Esses foram os recursos naturais que os pioneiros encontraram.

Depois de terem os colonizadores construído suas próprias casas, os primeiros artesãos a chegarem foram o carpinteiro e o ferreiro. Em seguida surgiram os moinhos e as serrarias. Os rios foram as primeiras estradas. E após a abertura das picadas e da preparação do solo e do plantio, a pesca e o comércio tornaram-se os principais meios de vida. Em 1634, quatro anos apenas depois da fundação de Boston, o pescador, a madeira e as peles começaram a ser exportadas para a Inglaterra. Vários artefatos de madeira e madeira simples eram trocados por artigos de procedência inglesa e das Índias Ocidentais. E logo que foram descobertas as possibilidades dos cursos d'água, a força hidráulica passou a substituir a energia suprida pelo vento aos moinhos, em quase toda a região.

Enquanto isso, os habitantes da Nova Inglaterra iam ativando a obra da educação. Em Connecticut e em Massachusetts, por exemplo, muitas pesadas eram impostas aos pais que descuravam da educação dos filhos. Pouco depois aparecia a primeira máquina de impressão nas colônias, em Cambridge, Massachusetts, iniciando assim a divulgação de idéias, através de panfletos. Em 1704, Boston teve seu primeiro jornal, o semanário *News Letter*. Era apenas uma folha de 13 por 16 polegadas, mas de formato considerado amplo para conter todas as notícias de então. Muito antes das colônias se empenharem na luta pela independência, o jornal já se

tinha tornado uma necessidade cotidiana, como pão do espírito para um povo dado a todo progresso. E assim, a educação foi sendo cultivada com cuidado e tenacidade, deixando resultados permanentes, que se foram refletindo no engrandecimento econômico, industrial e social. Atribue-se, por exemplo, ao rápido desenvolvimento das suas escolas, o aumento de população do Estado de Massachusetts, em proporção com o seu território.

Por terem os primeiros colonizadores vindo para a América por uma questão essencialmente ligada à liberdade do pensamento, não tardou que dessem franca expansão à expressão de suas idéias. As antigas culturas e filosofias do velho mundo ao serem transplantadas para o novo, passaram por um processo de reorientação, num ambiente em que predominava a variedade dos elementos que compunham a nova sociedade neste lado do Atlântico. Em tal ambiente, era natural a formação de espíritos esclarecidos, de homens capazes de orientar. Dentre os 31 primeiros que os Estados Unidos já tiveram, cinco eram naturais da Nova Inglaterra.

A terra e o homem

A REGIÃO, com suas majestosas montanhas, suas belas florestas, seus magníficos lagos e numerosos rios; a configuração da paisagem, o litoral e o clima caprichoso, mas saudável, constituem características de tradicional atração. O cenário natural encerra exemplos de todas as variedades, desde a magnitude das montanhas do Maine, da Nova Hampshire e de Vermont até a beleza bucólica das longas áreas do fértil vale do Connecticut, a placidez das amplas praias ao longo do canal de Long Island e a grandeza turbulenta do mar na acidentada costa do Maine. Tais elementos de certo contribuem para que o homem se identifique com a terra, desenvolvendo uma apreciação estética que a própria natureza ambiente lhe proporciona.

Grandes vultos da poesia e da literatura americana surgiram desse grande centro de inspiração. Henry Wadsworth Longfellow, autor de "Evangeline", de "Hyperion", "The Village Blacksmith" e "The Spanish Student"; John Greenleaf Whittier, autor de "Snowbound" e de outros trabalhos; James Russell Lowell, um dos maiores beltristas norte-americanos, autor de "The Vision of Sir Launfal" e "The Biglow Papers"; William Cullen Bryant, autor do poema "Thanatopsis", escrito quando tinha 18 anos. Nova Inglaterra produziu também ensaístas como Oliver Wendell Holmes, o velho, e seu filho, do mesmo nome, juriconsulto notável, cujas sentenças e opiniões, como juiz da Corte Suprema se distinguem por seu sabor literário; Ralph Waldo Emerson, poeta e filósofo. Acreditava na li-



A pesca, uma das indústrias principais dos pioneiros da Nova Inglaterra, ainda é uma das mais florescentes

berdade do pensafento mas nunca deixou se atrair por controversias. Nos círculos literários era considerado como um fenômeno e seus trabalhos ganharam fama universal.

Dos escritores que encantam pela sua excentricidade e pelo seu gênio filosófico, Henry David Thoreau ocupa um destaque especial, sendo considerado como o que mais se aproximou do coração da natureza. A obra de Nathaniel Hawthorne é reconhecida como de excepcional valor literário, produto de um dos maiores mestres da prosa. O interesse por um conhecimento mais profundo do meio, dos homens e da sua obra revelou-se nos Estados Unidos muito antes de haver a república atingido o seu primeiro século de existência. Jared Sparks, por exemplo, como historiador, publicou um exaustivo estudo dos primeiros períodos da nação, com especial referência ao papel que George Washington desempenhou na solidificação da nóvel democracia. Washington Irving também contribuiu com uma memorável biografia do grande fundador da república, e James Parton produziu outro trabalho de destaque, com relação a Benjamin Franklin. Francis Parkman foi além e aprofundou seus estudos sobre os pioneiros franceses no Novo Mundo, os Jesuítas da América do Norte e a descoberta das grandes regiões do oeste. E em seu tranqüilo recanto em Boston, William H. Prescott, escreveu sobre Ferdinando e Izabela, sobre os conquistadores do México e do Perú e sobre Filipe II, trazendo para o espírito norte-americano inapagáveis contribuições ao conhecimento da história da Europa e da América do Sul numa das épocas mais importantes para os destinos da humanidade.

A importância da educação

ESSES representam apenas um pequeno núcleo da vigorosa mentalidade que forneceu a seiva para o desenvolvimento das letras na Nova Inglaterra. É sabido que onde quer que um agrupamento humano tenha vivido por longo tempo, tenha vencido os obstáculos da natureza e compreendido a razão da sua própria existência, é certo o surgir de uma cultura. Esse fato, entretanto, dificilmente se aplica ao caso do Colégio Harvard, fundado em 1636, num lugar onde a vida era árdua e onde os obstáculos da natureza tinham apenas começado a serem sobrepujados. Mesmo antes de Harvard, Boston já tinha estabelecido a sua escola pública para o ensino do latim, afim de preparar os candidatos ao colégio que deveria ser fundado em devido tempo. Foi como se *pivot* da Nova Inglaterra — Boston — estivesse se preparando para as numerosas escolas e academias superiores que iriam se espalhar pela vasta área. Somente depois de 65 anos foi criado em Connecticut o Colégio Yale, em Nova Haven. Depois, vieram o Colégio Brown, em Rhode Island; o Dartmouth, em Hanover, Nova Hampshire; a Universidade do Estado, no Maine; o Colégio Middlebury, em Vermont; e os Colégios Williams e Amherst, em Massachusetts, todos eles antes de 1821. Era a insaciável sede de conhecimento.

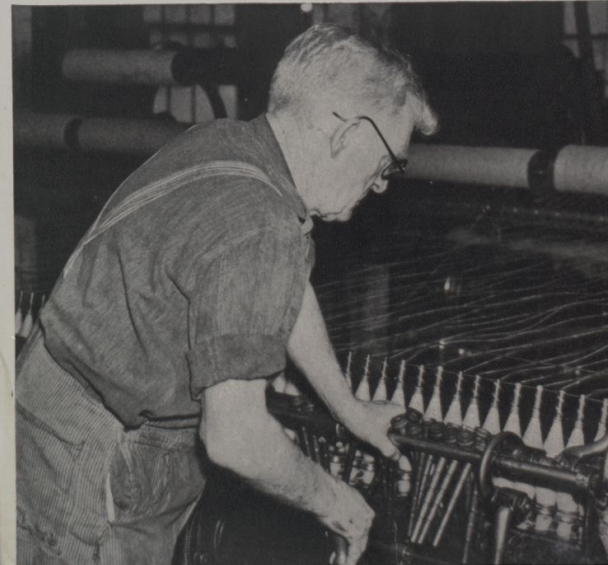
Hoje, dentro de um raio de 33 quilômetros de Beacon Hill, em Boston, há oito colégios e universidades das mais reputadas, com uma frequência, antes da guerra, de mais de 20.000 alunos. Dentre esses estabelecimentos de ensino superior destaca-se o famoso Instituto de Tecnologia de Massachusetts, cujos graduados têm criado renome em todos os quadrantes do globo.

Dentro da área do vale do Connecticut, que corta os Estados de Connecticut e de Massachusetts e divide o de Nova Hampshire do de Vermont, há 12 colégios frequentados por 15.000 alunos. Nêles se incluem o de Mount Holyoke, feminino, fundado por Mary Lyons e o Smith, também feminino, em Northampton; famosas escolas preparatórias como a Phillips Andover, em Andover, Massachusetts, e

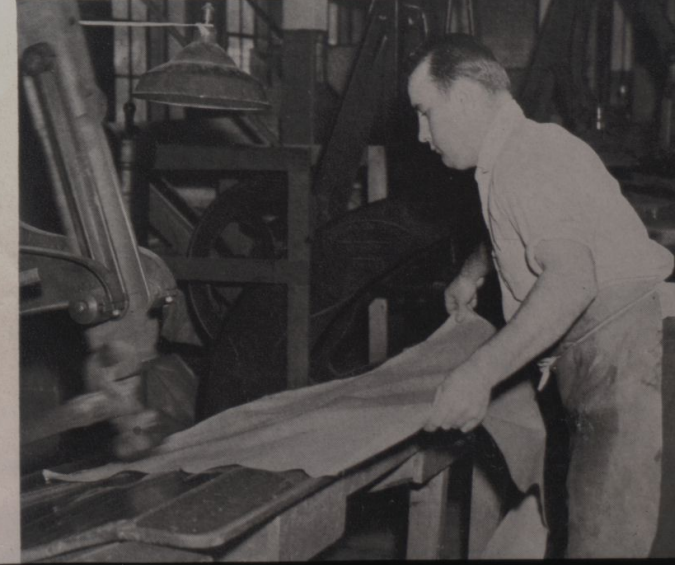


Nas ativas pedrinas no Maine. A região da Nova Inglaterra, na sua parte rochosa, tem numerosas pedreiras que abastecem grande parte do mercado interno

Com a guerra, as grandes fábricas de tecidos da Nova Inglaterra estão em operação contínua para atender às necessidades militares e também ao consumo civil nos Estados Unidos



A importante indústria de calçados da região é uma das maiores fornecedoras das forças armadas. Além de ser das mais antigas, é uma das mais aperfeiçoadas



a Phillips Exeter, em Exeter, Nova Hampshire; a de Saint Marks, em Southboro; a de Croton, em Croton; a Academia Williston, em Easthampton; a Academia de Deerfield, em Deerfield, todas em Massachusetts, e a de Saint Paul, em Nova Hampshire. E com o decorrer dos anos, mais se tem acentuado a importância e a necessidade da educação industrial, nas escolas e nos colégios, de par com o desenvolvimento das velhas tradições culturais.

Em 1784, Tapping Reeve, ao fundar a primeira escola prática de direito, veio preencher uma grande lacuna, sentida por todos quantos até então só podiam preparar-se para a profissão de advogado através do estudo generalizado, sem finalidade prática. Sua escola, em Litchfield, Connecticut, alcançou rapidamente grande sucesso. Durante 40 anos a ela afluíram alunos procedentes de todos os pontos do país e quase todos, como causídicos, foram bem sucedidos, dignificando os estudos jurídicos.

Como um campo de inspiração artística, Nova Inglaterra contribuiu para a formação de grandes pintores. Dentre eles destaca-se Gilbert Stuart, famoso por seus retratos de George Washington; John Trumbull, cujos quadros sobre episódios da guerra da Independência ornaram a rotunda do Capitólio, em Washington. Houve também escultores de renome, como Daniel Chester French e Sidney Waugh, destacando-se como um grande desenhista, Paul Revere, famoso patriota e ourives.

Os 107.000 quilômetros quadrados da área dos seis Estados incluem 6.000 quilômetros quadrados de água. Os rios que forneceram força hidráulica para os primeiros moinhos tiveram mais ampla aplicação com o desenvolvimento da indústria. Minerais em quantidade reduzida, mas de grande variedade, como o ferro, o cobre, o níquel, o caulim e outros, foram descobertos em vários lugares, mas a sua exploração nunca se tornou comercialmente prática. Para os primeiros colonizadores, esses recursos satisfizeram as necessidades. Mas quando, com o rompimento da presente guerra, os Estados Unidos enfrentaram a urgência de metais essenciais, as minas de esmeril, no Massachusetts, que de há muito tempo estavam abandonadas, foram reabertas imediatamente, num esforço para conseguir todo o material estratégico possível para a produção industrial. As florestas contribuíram fartamente para o progresso da região. As habitações são um exemplo



Nova Bedford, em Massachusetts, tem um importante colônia portuguesa, que data dos primeiros tempos da fundação da cidade, antigo e ativo centro da pesca

A capela da antiga e famosa universidade dos Estados Unidos—de Harvard, no Estado de Massachusetts



A "Orchard House" em Concord, Massachusetts, onde Louisa May Alcott escreveu o romance "Mulherzinhas", cuja popularidade continua a ser das maiores. A bela vivenda, construída há quase 300 anos, é atualmente um museu



do uso generalizado das suas excelentes madeiras. A polpa tem sido empregada na indústria de papel, que é uma das mais vultuosas da Nova Inglaterra. Os magros recursos minerais da região foram utilizados para uso doméstico através do gênio criador dos primeiros industriais que, pouco a pouco, foram desenvolvendo e aperfeiçoando grandes indústrias, como a do calçado, a de tecidos, do vidro, de joalheria e de máquinas. Hoje, as fábricas da Nova Inglaterra estão na dianteira na produção de motores de aviões, de ferramentas de precisão, na construção naval e noutros trabalhos essenciais para a prossecução da guerra.

A beleza natural dessa parte dos Estados Unidos constitui um dos encantos mais aclamados toda a volta do ano. No inverno, suas colinas e montanhas cobertas de neve, tornam-se o ponto favorito dos apreciadores dos esportes hibernais. O pitoresco cenário apresentado por antigas residências, casas seculares, na encosta das montanhas e nos tranquilos vales, avivam constantemente o interesse pelo ambiente tradicional da Nova Inglaterra. Por isso, a afluência de turista, durante todas as estações do ano, assume proporções sempre crescentes.

Bêrço da democracia

A NOVA Inglaterra é também um dos exemplos mais característicos da democracia em ação, em toda sua eficiência, o que não é causa de estranheza, por isso que foi aí que foram lançadas as suas sementes, há mais de 300 anos. O "Town Meeting", por exemplo, a tradicional reunião dos cidadãos das pequenas cidades e vilas, para tratarem dos interesses administrativos da comunidade, é um centro de debate franco, no qual todos têm direito a serem ouvidos. O Presidente Thomas Jefferson considerava o "Town Meeting" como a "mais sábia criação do homem para o perfeito exercício do seu próprio governo."

Uma vez por ano, todos são notificados dos "Calls", resenha das medidas legislativas e administrativas a serem submetidas à aprovação geral. São expostas em linguagem simples e clara, conservando, de certa forma, uma velha tradição. Os assuntos são designados por artigos, que são submetidos à votação. Se o artigo se refere à aquisição de um novo auto-homba para os bombeiros locais, ou aos concertos que necessitam uma rua ou es-

trada, é especificada a quantia exata do custo, que é aprovado ou rejeitado pelos presentes. Nas localidades maiores, os artigos atingem dezenas.

Aqueles que são eleitos para as funções administrativas são designados "selectmen", termo puramente regional da Nova Inglaterra, tal como o é o "Town Meeting". O número de "selectmen" varia de três a sete. Sua seleção se baseia no fato de dar a cada seção da comunidade um representante, fazendo com que todos os cidadãos se identifiquem com seu governo. Os "selectmen" têm oportunidade de conhecerem todos seus vizinhos, familiarizando-se com seus problemas e agindo como seus representantes em todos os assuntos de interesse seccional a serem tratados no "meeting".

Em todas as comunidades, o "Town Meeting" é o acontecimento cívico mais importante do ano. As discussões frequentemente tornam-se intensas, surgindo rivalidades naturais. Mas depois de ter se manifestado a maioria dos cidadãos, todas as animosidades ficam esquecidas e todos se empenham em cooperar para o bem da comunidade. Muitos homens que têm atingido as culminâncias da vida pública tiveram nesses conclave locais a melhor escola de preparação cívica.

A Nova Inglaterra simboliza, no Novo Mundo, mais do que o estabelecimento de um núcleo de colônias, por isso que foi aí que se originou, cresceu e assumiu proporções nunca antes imaginadas, a noção moderna dos verdadeiros direitos do homem. A obra dos pioneiros, que colonizaram e progrediram a custo de tantos sacrifícios, não poderia ter deixado vestígios mais expressivos e dignificantes do que esses expressos pelo seu constante interesse de dar à educação o lugar preponderante que a mesma merecia. Era a visão prática das aspirações de um povo que se formava.

O embate dos tempos só tem enrijecido a convicção da firmeza dos princípios que animaram os primeiros cidadãos do Novo Mundo: zelar pelos seus direitos individuais. Tais direitos, entretanto, tinham que ser também compreendidos num ambiente que só a educação seria capaz de criar e estimular. E assim, de todas as tradições da Nova Inglaterra, nenhuma é mais viva no coração dos americanos, do que essa deixada pelo zelo de educar para progredir. É um exemplo que tem estimulado e inspirado todas as demais nações do mundo.

Os estaleiros de construção naval da Nova Inglaterra estão produzindo navios mercantes e de guerra, em grande escala. Vemos na gravura, nos estaleiros da New England Shipbuilding Corporation, em South Portland, Estado do Maine, um grupo de navios recentemente construídos, sendo submetidos aos derradeiros repasses, para entrarem em serviço



OS FORMIDÁVEIS ATAQUES

DOS AVIÕES DE BOMBARDEIO

OS quatro grandes motores das "Fortalezas Voadoras" gemem até que o ruído se vá convertendo em crescente ruído, para depois desaparecer completamente. Os imensos aviões se movem lentamente em direção à pista que corre de norte a sul, numa base norte-americana na Inglaterra, alinhando-se para decolar, afim de seguirem numa missão de ataque diurno contras as indústrias de guerra alemãs.

Os mecânicos que estiveram trabalhando toda a noite, para pôr os aviões em condições de vôo, apoiame-se fatigados contra as paredes dos hangares e das oficinas. Reina o silêncio em todo o vasto campo de aviação. Os oficiais, com os olhos pesados pela falta de repouso, observam, através de seus binóculos, do alto da torre de contróle.

As "Fortalezas Voadoras" rodam ao largo da pista, aumentando pouco a pouco sua velocidade; depois, decolam suavemente, elevam-se a boa altura, fazem um círculo sobre o campo e entram em formação. E, em ordem cerrada, rumam para a costa, onde já as esperam os aviões de combate, que as escoltam. O zumbido, profundo e sombrio começa a desaparecer até cessar de todo. No campo, pouco a pouco vái cessando também a tensão dominante. Esta cena se repete na maioria dos 250.000 acres de aeródromos espalhados pela Grã-Bretanha, quando mil bombardeiros norte-americanos decolam para realizar seus grandes assaltos.

Nada menos de cinquenta mil homens trabalham desde o amanhecer até anoitecer, na tarefa de preparar os bombardeiros e os aviões escoltas para um vôo dessa natureza. Quasi 4.000 homens são necessários para carregar os aviões com 3.000 toneladas de explosivos de alta potência e de bombas incendiárias, além de 19.000.000 de cartuchos para metralhadoras, 120.000 projéteis para os canhões, 3.360 galões de gasolina e 163.000 galões de óleo. Sete mil homens —

entre pilotos, bombardeadores, navegadores, rádio-telegrafistas e artilheiros — foram instruídos especialmente para esse fim. O resto do pessoal que toma parte na organização do ataque se compõe dos oficiais do Serviço de Informações, de encarregados do pessoal, de meteorologistas, de choférs de caminhões e dos operários das oficinas.

O comando de treinamento

O PESSOAL das guaranições dos aviões é submetido a um treinamento mais rigoroso do que os demais. O Comando de Treinamento das Forças Aéreas do Exército envia primeiro os recrutas a uma escola de preparação elementar. Os alunos aprovados passam para outra escola, de vôo, e, finalmente, para as escolas onde aprendem a manejar os grandes bombardeiros e os aviões de combate.

Para manter uma "Fortaleza" no ar com sua tripulação composta de nove ou dez homens, é preciso outro grupo de vinte e nove homens, técnicos e mecânicos, que trabalham em terra. Estes são os "heróis ignorados do ar".

O aluno se familiariza também com quasi todos os materiais essenciais que entram na construção das peças do avião, materiais que são importados das outras Américas. Dentre eles destacam-se o cristal de rocha, que entra na fabricação de instrumentos de precisão, tais como os rádios; a borracha, empregada nas rodas dos aviões; a paina, usada nos salva-vidas; a madeira balsa, que se emprega na construção de alguns aviões de combate; o cobre, para arames, e muitos outros minerais e materiais essenciais. As "Fortalezas Voadoras", esses gigantes aviões, custam muito caro e somente mãos peritas podem manejá-las. Com o dinheiro que representa o custo de um dáses ataques de mil aviões poderia construir-se e equipar-se 400 grandes e modernos hospitais, ou



As formações dos aviões "Fortalezas Voadoras" sobre os céus da Alemanha, vão deixando um rastro de vapor, seguindo na sua missão de bombardear importantes centros industriais nazistas, cada vez mais expostos ao ataque



Mapa mostrando o raio de ação dos bombardeiros aliados contra a Alemanha, seus satélites e territórios ocupados. Os aviões aliados, de bombardeio, têm suas bases situadas na Itália, na Rússia e na Inglaterra



Um avião de combate nazista, atingido por uma bala de um dos aviões dos EE. UU. projeta-se, envolto em chamas



Os chefes da aviação dos Estados Unidos e da Inglaterra estudando num mapa as operações aéreas, na sede do comando geral, na Inglaterra. Desta sala partem os ordens para os milhares de poderosos aviões das Nações Unidas que estão em constante ataque contra a "Fortaleza da Europa", destruindo, dia e noite, as indústrias bélicas nazistas



Um carregamento de aviões de combate procedentes dos Estados Unidos, segue para a montagem, na Inglaterra. Vemos na gravura acima a passagem dos caminhões por uma das pequenas vilas locais



De regresso de uma missão de bombardeio sobre a Alemanha, os tripulantes de uma "Fortaleza Voadora" descansam, toman café, e relatam os detalhes das operações aéreas, ao oficial do serviço de informações, Capitão Arthur Clark. Em baixo: os "heróis anônimos", o pessoal de terra, fazendo os reparos numa "Fortaleza Voadora" e preparando — a para outra missão de bombardeio contra o inimigo



quatro grandes transatlânticos como o "Normandie", que, sob o nome de "Lafayette", foi aparelhado e incorporado na esquadra dos Estados Unidos.

Enquanto o pessoal de terra, nas bases norte-americanas instaladas em numerosos pontos da Inglaterra, estão dando os últimos repasses nos aviões de bombardeio e nos aviões de caça, para a expedição, os oficiais de operações das esquadilhas se encarregam de acordar os aviadores que ainda estão dormindo nos alojamentos. Todos vestem-se apressadamente e dirigem-se para o "rancho", onde, depois de uma sólida refeição, apresentam-se para receber as últimas ordens. O objetivo do ataque para o dia já foi selecionado por um grupo de especialistas, dentre os quais há os que se dedicam a assuntos de economia de guerra, os oficiais do serviço de informações e os técnicos que estão familiarizados com a localização e importância da indústria alemã, homens de negócios, antigos consules, refugiados, enfim, todos aqueles que podem dar informações essenciais a respeito dos importantes setores da organização industrial e bélica dos nazistas.

O serviço de informações

NA sala onde os aviadores recebem as instruções de última hora, o capitão do Serviço de Informações está à espera da presença de todos os tripulantes. Quando todos estão na sala, ele aproxima-se de um mapa e, com uma vara, vai apontando, vagarosamente a rota, desde o Mar do Norte, através da Bélgica, até o centro da Alemanha.

"Este," diz ele, "é o objetivo de hoje." Nas filas de bancos e de cadeiras, todos ouvem atentamente, enquanto o oficial vai descrevendo a rota que devem seguir, informando-os, também, das previsões meteorológicas e atmosféricas. Em grandes mapas e maquetes acompanham os aviadores a localização das indústrias de guerra dentro do perímetro do objetivo, das defesas e dos aeródromos do inimigo e, finalmente, dos setores onde podem esperar o contra-ataque da aviação nazista e das defesas anti-aéreas.

Concluída a série de instruções necessárias, resta somente meia hora para os aviadores encetarem a missão. Vestem-se com os trajes convencionais, que consistem de roupa interior, pesada, de sweaters, meias de lã e de botas forradas de lã. Todos tomam a precaução de esvaziarem os bolsos, para o caso de serem capturados. Os atiradores, que são os que mais se expõem aos rigores do frio nas grandes altitudes, usam roupas e luvas aquecidas por meio de pilhas elétricas. Examinam meticulosamente seus capacetes, para verificarem se os aparelhos auriculares funcionam perfeitamente. Na hora marcada, inicia-se a decolagem, sendo a primeira a dos campos mais afastados do objetivo. Pouco depois a formação inteira dos possantes aviões está em pleno espaço. Os aviões "Lightnings", de combate, seguem na vanguarda, velozmente, guiando os bombardeiros. No bojo destes, os

navegadores se inclinam sobre os mapas, os atiradores mantêm-se alertas, aguardando ordens, assim que a esquadilha começa a cobrir o território ocupado pelos alemães. De repente, de pontos diversos, as baterias da defesa anti-aérea inimiga rompem o fogo, explodindo as granadas entre os aviões que prosseguem céleres, com seu rumo determinado.

Direito ao objetivo

QUANDO já estão a meio do percurso do objetivo, os aviões "Republic Thunderbolt", de grande altitude e de extraordinário alcance, substituem os "Lightning" no serviço de escolta dos bombardeiros. Não tarda que as "Fortalezas" se vejam em meio do fogo anti-aéreo e dos canhões dos aviões alemães "Focke Wulf" e "Messerschmitts". Não obstante, seguem indômitas, direito ao seu objetivo. Ai, os famosos "Mustangs", de alta e de baixa altitude que saíram de suas bases muito depois dos bombardeiros, mas que chegaram à hora exata no ponto previamente designado, reúnem-se às esquadilhas dos grandes aviões.

Aumenta de intensidade a oposição dos aviões de caça inimigos e das baterias anti-aéreas. Mas os bombardeiros já divizaram seus objetivos e a primeira formação se dirige ao local exato do ataque.

Esse é o momento para o qual milhares de homens se prepararam longamente, o momento decisivo em que muitas vidas estão em risco. Os instrumentos para o bombardeio diurno são de uma precisão rigorosa. As bombas lançadas raramente caem a mais de alguns metros do centro do alvo. O uso de instrumentos aperfeiçoadíssimos, cuja construção o inimigo desconhece, facilita o bombardeio com perfeita precisão de tiro, mesmo que o avião esteja cercado de espessas nuvens.

Lançadas as bombas, o primeiro grupo de bombardeiros faz uma vasta curva, na rota previamente marcada. Seus tripulantes podem agora observar os resultados destruidores das bombas, explosivas e incendiárias. Está terminada para eles a missão. Rumam de regresso para suas bases enquanto outras formações os sucedem, sistematicamente, largando suas formidáveis cargas de explosivos.

No regresso, os aviões de combate que servem de escolta se alternam, mas em ordem inversa. As formações cerradas são agora atacadas mais intensamente, pelo fogo anti-aéreo e pela aviação inimiga. Os aviões nazistas, por sua vez, são agora importante objetivo, assim como as fábricas aeronáuticas. Tudo é feito para enfraquecer cada vez mais a arma aérea nazista, num prelúdio da grande invasão do continente. Todos os aviadores que tomam parte nesses gigantescos raids vão gradativamente se certificando do limite da capacidade ofensiva e defensiva aérea dos alemães — desses mesmos que, há dois anos apenas, tanto fizeram para assombrar o mundo com a sua superioridade nessa moderna arma de guerra, que agora lhes causa tanto pavor.



Numa "cidade de invasão" na Inglaterra, as tropas americana empilham centenas de bombas prontas para as operações contra o continente. Na gravura à direita vê-se o lançamento de bombas de um avião de combate, sobre uma fábrica alemã, de armamentos, em Wiener Neustadt





A bordo do "Saratoga", pouco antes do raide aéreo contra Rabaul: o comandante Joseph Clifton lendo, para os pilotos aviadores, várias passagens da Bíblia

O QUE OS SOLDADOS LÊM

QUANDO o soldado americano tem alguns momentos para passar das balas para os livros, prefere o assunto de paz, não de guerra. Os encarregados das milhares de bibliotecas dos campos de concentração de tropas geralmente informam haver entre os leitores completo desinteresse por livros escritos sobre guerras. Preferem os assuntos políticos a poesia, a história e as línguas, notadamente o português e o espanhol, de interesse sempre crescente.

A leitura mais popular é, entretanto, a da Bíblia. A Sociedade Bíblica dos Estados Unidos já forneceu mais de 20.000 volumes para o Exército e a Armada, e uma outra organização religiosa, os Gideons, forneceu 3.000.000 de exemplares do Testamento. Muitos soldados conservam as suas próprias Bíblias, mesmo em combate.

Numa numerosa tropa composta de elementos procedentes de todas as camadas sociais do país, encontram-se os estudantes, os amantes das aventuras e os naturalmente apaixonados pelos livros. O interesse de cada um se reflete naquilo que eles lêem, mesmo sob a tensão da guerra.

Uma das bibliotecárias do Exército verificou que, além dos assuntos mais correntes, havia especial interesse em livros referentes ao futuro da educação, à contabilidade superior, composição de canções e moderna filosofia. Um soldado, pai zeloso, depois de ler tudo quanto pôde encontrar sobre os cuidados das crianças e sobre psicologia, foi para casa, de licença, completamente preparado para traçar o futuro da sua filhinha de cinco anos, uma de suas maiores preocupações.



Mais de 15 milhões de livros do Serviço de Edições para as forças armadas já passaram por esta sala. São brochuras de bolso, de edições de livros correntes, publicados de acordo com os respectivos editores

As mulheres que estão no serviço das forças armadas revelam também grande preferência pela variedade de assuntos, como os romances "Os Subterrâneos de Paris", a "Canção de Bernadette", ou ainda "O Manto", de Lloyd Douglas.

Quando o soldado está muito longe do torrão natal, sua predileção recai sobre os assuntos recreativos. Servindo-se de uma biblioteca ambulante, como a dos primeiros tempos do desenvolvimento da nação, o Serviço Bibliotecário do Exército remete livros quatro vezes por ano para os mais longínquos acampamentos militares. Os soldados preferem mais "bons" livros do que os de ficção ligeira. Numa distante ilha, por exemplo, livros como os estudos sobre Abraham Lincoln, de Carl Sandburg, "As Origens da Revolução Norte-Americana" e "O Nazareno", são muito populares. Histórias da vida do mar e os novos livros sobre política e assuntos de após-guerra, encontram também grande preferência. Há igualmente considerável procura de obras clássicas, como a Odisseia, Tácito, Johnson, de Boswell, e trabalhos de Tolstoy. Livros científicos e escolares, sobre matemática, eletricidade e mecânica, são naturalmente, bastante procurados.

Num dos campos de além-mar, os livros mais populares foram "Modern Short Stories", "A Farewell to Arms", de Ernest Hemingway, "Of Human Bondage", de Somerset Maugham, "Leaves of Grass" de Walt Whitman, e "Grapes of Wrath", de John Steinbeck, assim como livros escolares sobre matemática, história e espanhol. Os soldados frequentemente formam longas linhas de espera para a leitura dos magazines noticiosos. Outros livros favoritos, são os referentes aos problemas de depois da guerra, como "One World", de Wendell Willkie, "Make this the Last War", de Michael Straight e "U. S. Foreign Policy", de Walter Lippman.

Há nas bibliotecas dos acampamentos vivo interesse pelos livros sobre línguas estrangeiras. Uma das bibliotecárias observou que "o mundo inteiro parece repentinamente interessado no estudo dos idiomas, sobretudo os que se falam na América, inclusive o francês. Este é um fato de grande significação."

As razões para isso variam tanto quanto a própria individualidade dos soldados e marinheiros que frequentam as bibliotecas. Alguns esperam viajar com suas famílias, depois da guerra. Outros estão ansiosos de continuarem o estudo de idiomas que já tinham começado a estudar na escola ou universidade afim de se habilitarem para a carreira escolhida, quando deixarem o serviço das armas. Outros ainda desejam poder ler na língua original muitas obras interessantes, das Repúblicas Americanas e de outros países.

A maioria dos pedidos são satisfeitos, quer esteja o soldado nos Estados Unidos ou a milhares de milhas de distância. O serviço organizado pelo Exército conta mais de 2.000 bibliotecas de acampamentos, encerrando vários milhões de volumes. No ano passado, o público norte-americano ofereceu mais de sete milhões de livros para as forças combatentes. Muitos dos principais jornais e revistas oferecem assinaturas a preços bastante reduzidos e alguns fazem edições em papel especial, fino, para a distribuição aérea.



Na longínqua Nova Guiné: dois soldados ficam à vontade durante os poucos momentos de que dispõem, entre o seu desembarque e o acampar



A "biblioteca" na ilha de Bougainville, no Pacífico, pode ser modesta, mas jornais, revistas e muitos livros recentes estão sempre à disposição dos leitores, que a frequentam com o maior interesse



Verificando os endereços, no correio militar, para a remessa de jornais de todos os pontos dos Estados Unidos para a África do norte. Em baixo: num posto de bombardeiros dos Estados Unidos, na Inglaterra, cuja biblioteca foi inaugurada há poucos meses, contendo mais de três mil volumes. Em todas as partes dos EE.UU. tem sido feita uma grande coleta de livros para esse fim





Alicia Markova e Anton Dolin, estrélas do Teatro de Bailados, em "Princesa Aurora". Da companhia, composta de 55 dansarinos, 42 são norte-americanos



Jerome Robbins e Muriel Bentley, em "Fancy Free", um bailado de tema norte-americano, com coreografia de Robbins. Miss Bentley pertence ao Teatro de Bailados

OS bailados que, para muitos dos frequentadores do teatro, costumava passar despercebido como um meio artístico de refinada diversão, estão alcançando nos Estados Unidos uma crescente apreciação do seu valor. Uma das razões talvez esteja no fato de se basearem os novos bailados em temas nacionais, familiares às platéias locais e interpretados por bailarinos nascidos no país. Procuram expressar os sentimentos da nação, suas esperanças, seus receios, suas angústias, exprimindo também o aspecto jogoso da vida, com graça e refinamento.

Além de apresentarem enredos ao alcance da compreensão da generalidade do público, o preço das entradas está no mesmo nível do preço cobrado pelos cinemas em todo o país.

Uma das companhias de bailados cujo elenco é constituído predominantemente do elemento nacionais norte-americano, é a do Teatro de Bailados, cujos espetáculos, em Nova York, estão alcançando extraordinário sucesso, de considerável repercussão. A Rússia, naturalmente, tem produzido grandes bailados há mais de cinquenta anos, mas os artistas viram pouca oportunidade para desenvolver essa arte neste Hemisfério, antes de 1933. Nenhuma companhia notável de bailados, afirmam eles, veio à América, com exceção das *tourneés* feitas, de vez em quando, pela Pavlowa e Diaghilev.

Agora, entretanto, em vez de dar espetáculos somente nas grandes cidades, os novos bailados percorrem as localidades menores. Na temporada passada, apesar das dificuldades nos meios de transporte, a companhia do Teatro de Bailados percorreu os Estados Unidos, dando espetáculos nas pequenas cidades, algumas das quais estão situadas perto dos acampamentos militares, mais importantes.

Miss Alicia Markova, uma das proeminentes bailarinas, recorda que, certa vez, no ano passado, a companhia, depois de viajar de auto-ônibus o dia todo, deu uma representação à noite, dormiu na rua até de madrugada, continuou a viajar de auto-ônibus durante o dia

BAILADOS NOS ESTADOS UNIDOS

seguinte e foi dar outro espetáculo à noite. Para Alicia Markova os imprevistos dessas *tourneés* não constituem novidade alguma, quando se trata de satisfazer o interesse de um público. Durante seus primeiros anos no estrangeiro, ela percorreu os *music halls* provincianos da Inglaterra, para desenvolver no público a apreciação da dança clássica. Começando aos 13 anos, depois da morte de seu pai, ela tem dançado constantemente com companhias de bailados; primeiro, com a Diaghilev, depois com companhias inglesas e com a dos Bailados Russos, de Monte Carlo, e, desde 1941, com a do Teatro de Bailados, sempre com sucesso. Foi como dansarina dos Bailados Russos que ela proporcionou ao público norte-americano uma im-

pressão das suas raras qualidades artísticas e contribuiu para preparar o ambiente para o desenvolvimento do Teatro Nacional de Bailados, em 1939. Desde início, a nova companhia contou com excelentes bailarinos, como Fokine, Mordkin, Dolin e Tudor, e com talentosas bailarinas, como Agnes de Mille, Patricia Bowman, Nada Gollner e Nora Kaye.

Hoje, dos seus 55 dansarinos, 42 são americanos natos. A Escola Americana de Bailados, de Nova York, a Theatre Arts e outras escolas do país têm preparado estrelas para o Teatro de Bailados, como Lucia Chase, de Connecticut; Rosella Highower, de origem aborígena, de Oklahoma; Nora Kaye, de Nova York, e Janet Reed, do Oregon, um descendente dos primeiros colonizadores do oeste.

Dois anos depois da fundação do Teatro de Bailados, Leonide Massine, famoso coreógrafo e bailarino, e Miss Markova, entraram para a companhia, dando então maior desenvolvimento à idéia de popularizar o *ballet* nos Estados Unidos. O público correspondeu com vivo e extraordinário entusiasmo. Miss Markova afirma que, quando visitou as repúblicas do sul, em 1940 e 1941, o público não escondia seu grande interesse pelos espetáculos de bailados. No México, por exemplo, o sucesso da companhia foi tão grande que a mesma voltou em 1942, para uma temporada de cinco meses.

"O bailado clássico — principalmente o "Giselle" — parece ser o tipo predileto de dança do público mexicano," declara Miss Markova, que tenciona voltar ao México. "Sente-se o acolhimento da platéia."

Ela, entretanto, julga que os países americanos, ao formarem suas próprias companhias de bailados, não devem deixar de aproveitar a beleza e a originalidade do ambiente local. "Assim como, nos Estados Unidos, os coreógrafos estão criando bailados como *Rodeio*, no qual se realçam os costumes e as maneiras do *cow-boy*, os demais povos americanos devem se inspirar no seu próprio ambiente e nas suas ricas tradições, para a criação dos seus bailados."

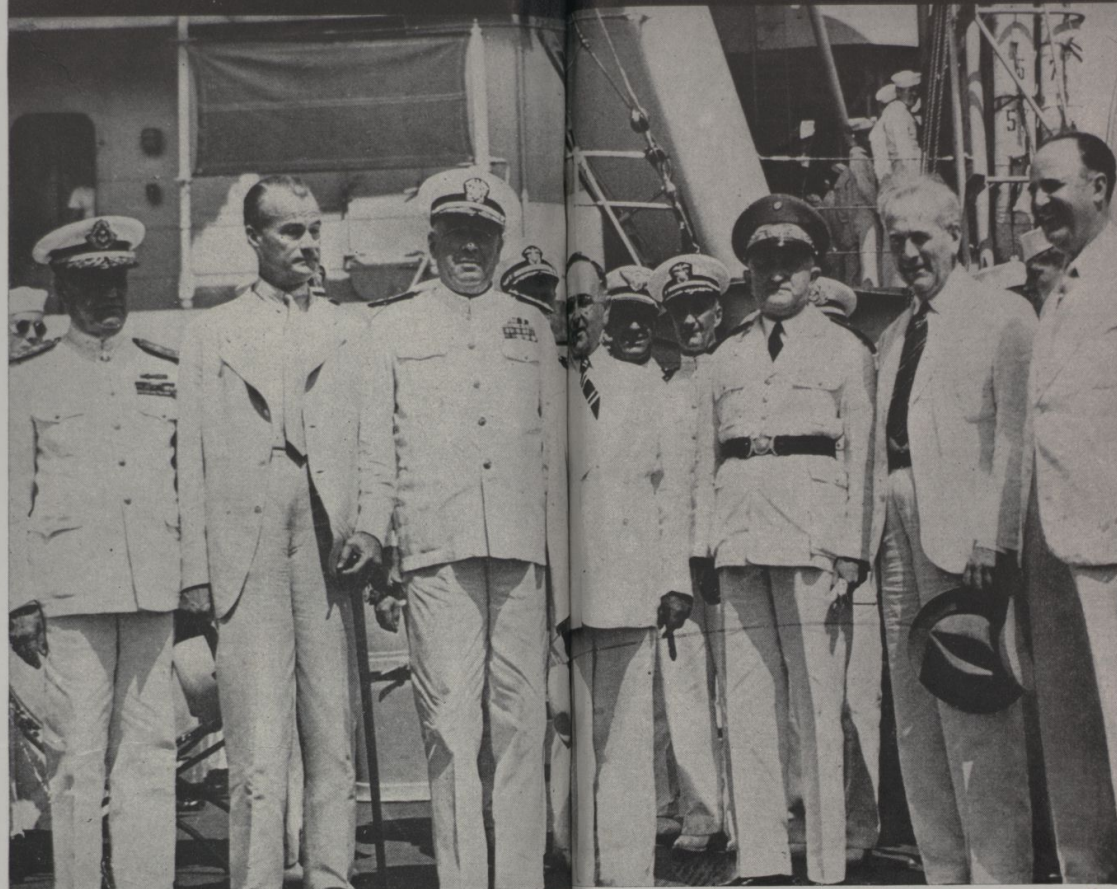


Uma cena de "Don Domingo". O cenário desta representação é da autoria de Julio Castellanos, distinto pintor e cenógrafo mexicano

Pelas Américas



O lançamento ao mar do cargueiro "Simón Bolívar", nos estaleiros de Nova Orleans, destinado ao serviço das Nações Unidas, achando-se presente à cerimônia o Presidente Isaías Medina-Angarita, da República da Venezuela e varios representantes oficiais dos Estados Unidos



A bordo no navio capitânea do vice-almirante Jonas H. Ingram, no porto do Rio de Janeiro, depois de um almoço, por ocasião da visita do Presidente e altas autoridades brasileiras. Da esquerda para a direita: Almirante Henrique Aristides Guilhem, Ministro da Marinha; Embaixador Jefferson Caffery; Vice-Almirante Ingram; Presidente Vargas; General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra; Dr. Oswaldo Aranha, Ministro do Exterior, e Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica



O General Alberto Romero, Ministro da Defesa Nacional, do Equador, (o segundo à esquerda) passa em revista es aspirantes da Escola Naval de Anápolis, em companhia do Contra-Almirante J. R. Beardall, diretor d escola, durante a sua excursão a vários centros militares



Oficiais aviadores brasileiros durante um almoço no Restaurante Simpson, em Londres, onde foram os convidados de honra. Em animada palestra com cinco oficiais brasileiros presentes vê-se o Lord Sherwood (o segundo à direita), Sub-secretário da Aviação, do governo inglês



O Presidente Batista, de Cuba, faz a entrega da medalha da Ordem Cubana do Mérito Naval, ao comandante Gerard F. Galpin, chefe da missão naval dos EE.UU. em Cuba, e ao Capitão-Tenente Robert B. Ery, dos EE.UU.



Jornalistas em visita à Academia Militar de West Point. P. R. Paz-Castillo, da Venezuela; H. Ricaldoni, do Uruguá; J. Fernandez, do Equador; J. Hernandez, da Colômbia; A. Silva, do Chile; D. Glassman; L. Leon, do Perú e C. Bibbo

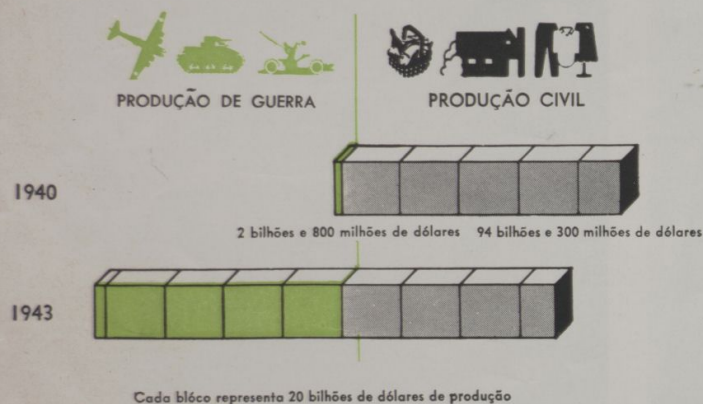


A Sra. Franklin D. Roosevelt ao receber as delegadas da Comissão Feminina Interamericana, na Casa Branca, aberta amô da Srta. Minerva Bernardino, da República Dominicana, presidente da Comissão. Esta foi criada em 1928, durante a 6a. Conferência Internacional Americana

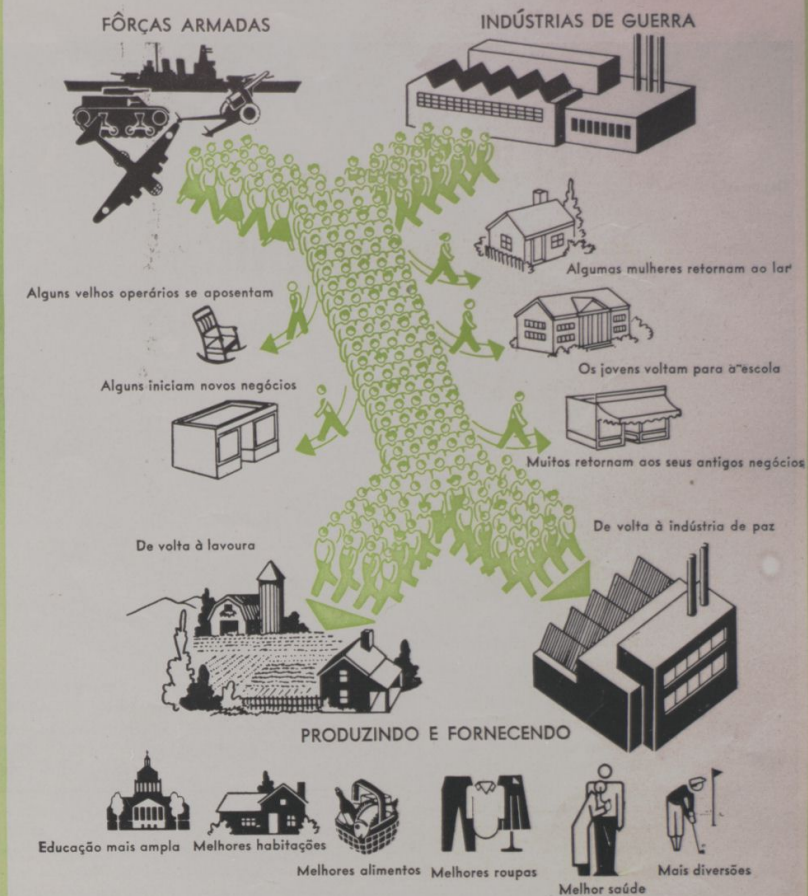
O PROBLEMA DA MÃO DE OBRA



O PROBLEMA DA PRODUÇÃO



EMPREGO PARA DEPOIS DA GUERRA NOS ESTADOS UNIDOS



PREPARANDO PARA O FUTURO

OS Estados Unidos estão se preparando para enfrentar uma fase de grande significação econômica que, por forças das circunstâncias, terá que ser iniciada ainda durante a guerra, para poder assegurar os benefícios da paz, tanto para as nações da América, como para as demais nações do mundo.

Trata-se do estudo, pelo governo e pelo Congresso, de várias propostas apresentadas com referência ao retorno da economia do país, da sua produção de guerra para a produção de paz, tão prontamente quanto possível e com o mínimo de dificuldade. De uma maneira geral, todas as propostas apontam dois objetivos essenciais: primeiro, ganhar a guerra o mais rapidamente possível; segundo, assegurar uma paz duradoura, da qual resulte uma melhoria de vida para o mundo inteiro.

Os planos em vista referem-se também à adoção, imediatamente, de medidas econômicas que permitam iniciar agora mesmo a transição da produção de guerra para a produtividade da paz, sem prejuízo do esforço bélico. Antevêm os proponentes uma grande expansão industrial nos Estados Unidos, com uma resultante prosperidade que será partilhada por todas as nações do nosso Hemisfério. Para alcançar a melhoria no padrão de vida uni-

versal, as recomendações referem-se, como condições essenciais, à remoção de barreiras comerciais, ao aumento da importação e da exportação e ao estabelecimento de um serviço cooperativo de pesquisas científicas no campo da produção agrícola e mineral. "Não há necessidade," concordam todos, em princípio, "de enfrentarmos uma crise depois da guerra."

Um programa foi delineado por Bernard M. Baruch, estadista e industrial de grande visão e experiência, nomeado pelo Presidente Roosevelt para estudar os problemas de após-guerra. Na sua capacidade de presidente da comissão consultiva designada para atender aos problemas de reajustamento na guerra e na paz, Baruch, em volumosas recomendações, deu um definido realce ao fato de ter sido seu trabalho baseado na premissa de ser "a vitória o nosso primeiro e único dever."

"Hipotecamos a nossa fé e a nossa honra em grandes ofensivas," lembra Baruch, que, aliás, foi, na guerra passada, o mobilizador industrial da nação. "Nosso sangue e o sofrimento dos nossos soldados e de milhares de seres humanos agora oprimidos exigem que prossigamos e terminemos a obra de derrotar nossos inimigos o mais breve possível, sem que nenhum outro pensamento, nenhuma ou-

tra ação interfira com o nosso propósito". Bernard Baruch sugere a imediata adoção de um plano, já em preparação, para a reconversão industrial, caso se verifique o colapso repentino da Alemanha. Recomenda o auxílio federal financeiro para abreviar a transformação para a produção do tempo de paz, para dispôr dos excessos da produção de guerra, através de uma distribuição racional nos mercados, e recomenda a nomeação de uma autoridade especial encarregada de assegurar trabalho para todos, tendo, nesse sentido, a preocupação primária de atender aos que estiveram no serviço das forças armadas — homens e mulheres.

TRATANDO do mesmo assunto, L. T. Crowley, Administrador Econômico para o Exterior, citou como sendo objetivos principais: ganhar a guerra; estabelecer uma base sólida para uma paz duradoura; garantir trabalho para todos e colaborar com os povos na fundação econômica de um mundo pacífico e próspero.

"Tudo quanto se referir a êses objetivos," declarou Crowley, "a Administração Econômica para o Exterior fará o máximo para estimular e desenvolver o comércio com as outras nações do mundo. O nosso comércio internacional não poderá alcançar o máximo do seu volume se pensarmos apenas em exportar. Temos que considerar que nação alguma obterá os verdadeiros benefícios do comércio internacional se pretender vender apenas, recusando-se

a comprar. Aí estão os fatos para provar isso." Crowley acentua a necessidade dos Estados Unidos de animarem os acordos e entendimentos internacionais, que abrirão os mercados do mundo para todas as nações numa base de competição razoável, dando a todas um acesso equitativo às matérias primas do mundo.

Outros proponentes observam que as Américas, no seu conjunto, estão saindo perfeitamente bem nas provas impostas pela guerra no intercâmbio comercial, atribuindo esse fato, em parte, a grande expansão, nos Estados Unidos, do consumo de materiais estratégicos e de produtos tropicais das demais nações americanas.

DESDE o ataque japonês de Pearl Harbor — afirmam outros — as possibilidades para o desenvolvimento de produtos complementares no Hemisfério Ocidental, principalmente produtos agrícolas, têm sido demonstradas cabalmente. Lembram que os Estados Unidos, ao romper a guerra, tiveram de recorrer, repentinamente, às nações americanas, na busca de produtos vitais, como a borracha, as fibras, as plantas medicinais e inseticidas, os óleos vegetais e muitos outros produtos que, anteriormente, eram importados em todo ou em grande parte de várias regiões do Extremo-Oriente.

Esse fato é considerado como um valioso aspecto das inerentes capacidades da produção complementar interamericana, em virtude de diversidade

do clima, do solo e dos mercados no Novo Mundo. "A nova entrosagem da cooperação interamericana, no setor agrícola, será tão útil durante a paz como está sendo durante a guerra," afirma um dos altos representantes do governo. "Na perspectiva distante, essas novas vias do esforço cooperativo se distendem infinitamente, numa direção para a qual os povos americanos tanto têm se esforçado desde que deram início à edificação de um novo mundo neste Hemisfério."

Pouco depois de ser publicado o relatório Baruch, C. E. Wilson, presidente da General Motors Corporation, declarou que a tarefa da reconversão industrial, da produção bélica para a produção de paz, seria "uma obra tremenda", mas que poderia ser alcançada expeditamente se os planos necessários tivessem seu devido andamento agora mesmo, antes de terminar a guerra.

No Congresso, os senadores Elbert D. Thomas, de Utah, Harley M. Kilgore, de Oeste Virgínia, e Harry S. Truman, do Missouri, pediram a criação de uma comissão para formular uma política econômica exterior a ser seguida depois da guerra, por todas as nações do mundo.

Aconselharam a realização de uma conferência das Nações Unidas para tomarem em consideração "as medidas de conjunto e a organização internacional através das quais os recursos das nações participantes possam ser desenvolvidos mais efetivamente, num trabalho de cooperação geral e útil.



Bernard M. Baruch, autor do plano de desmobilização e reconversão da indústria, da guerra para a paz. Foi o director da mobilização industrial na última guerra

A DEFESA DAS ANTILHAS

O IMPORTANTE PAPEL QUE O COMANDO DA DEFESA DO MAR DAS ANTILHAS DESEMPENHOU NA LUTA CONTRA OS SUBMARINOS

ERA um belo hiate de 23 metros de comprimento, especialmente construído para agradáveis passatempos, em passeios marítimos e reuniões elegantes repassadas de *cocktails* e jovialidade. Ao ser entregue ao Arsenal de Marinha de Filadélfia, afim de ser aparelhado para o serviço de patrulha, os estaleiros locais estavam em intenso trabalho de concertos em grandes couraçados e cruzadores avariados em combate ou dando as últimas de mão em novas unidades para a luta no Pacífico. O hiate ficou a cargo de mecânicos auxiliares que o equiparam de uma metralhadora de 50mm, na proa, instalaram duas bombas de profundidade na popa (o máximo que podia levar) e pintaram-no de cinzento. Em Abril de 1942, quando os submarinos estavam afundando navios ao longo de toda a costa, aproveitando-se da silhueta que eles formavam contra as luzes do litoral, e começavam a ampliar seu raio de ação no Mar das Antilhas, o hiate foi incorporado à esquadra dos Estados Unidos e entregue ao comando de um segundo-tenente que acabava de receber o galão.

Chamava-se ele Cliff Collins e o hiate ficou tendo a denominação oficial de YP129, mas para todos a bordo era apenas o *Yippee*. Sua guarnição era composta de dez marinheiros, rapazes recém-alistados, que nunca tinham visto mar, de um veterano contra-mestre e de um bom maquinista. Completamente equipado, o hiate fez-se ao largo, velozmente, seguindo a costa. Mas não passou de Charleston. Com avaria nos motores, foi recolhido aos estaleiros locais, onde, depois de examinado, seu comandante ficou sabendo que o hiate não estava em condições de se afastar por mais de um dia e isso mesmo a uma distância

máxima de cinco milhas da costa, no serviço de patrulhamento. Collins não disse nada aos seus comandados senão depois que o *Yippee* já estava de novo ao largo. Receberam então ordens para fazer parte do comboio de uma enorme oficina flutuante que iria fazer uma travessia de 11 milhas, com destino a San Juan, em Porto Rico. O mar por ali estava coalhado de submarinos inimigos, mas nenhum dos tripulantes queria perder o ensejo de entrar realmente em ação.

Mal tinham deixado Charleston, quando o comboio foi batido por um tremendo temporal. Todos a bordo do hiate ficaram completamente enjoados, incapacitados de atender às máquinas ou de preparar qualquer refeição. Num dos formidáveis solavancos provocados pelas vagas, o comandante quase foi lançado ao mar, salvando-se por um milagre. Os que puderam dormir na cobertura, amarraram-se bem amarrados.

Nas proximidades de San Juan, o tempo amainou e o hiate conseguiu ir ao encaicho do resto do comboio. Naquele dia, observaram um submarino que se achava a grande distância, mas o inimigo mergulhou assim que as escoltas se movimentaram na sua direção. Pouco depois, chegaram ao porto onde está a base do comando da defesa do Mar das Antilhas. Exhantos, os tripulantes do YP129 dormiram o dia todo, enquanto o tenente Collins foi se apresentar e receber ordens do vice-almirante John Hoover, comandante da base.

O almirante era um homem alto e robusto, de longo nariz pontagudo e de maxilar prodeberante. Aqueles que já o tinham visto, com seu filho, ou em festas, antes da guerra, o admiravam pela sua jovialidade, mas no seu posto de comando,

era de uma atividade e energia extraordinárias. Em Junho de 1942, San Juan era a sede do comando de um distrito naval que compreendia o Mar das Antilhas, a área de Curaçao, as Guianas e, ao norte, até Cuba. Ao distrito incumbia zelar pelos arsenais, pelas docas e pelo abastecimento de navios. Não tinha aviões nem navios, exceto rebocadores.

Em Fevereiro, o distrito tornou-se uma fronteira naval, isto é, zona de combate, por determinação do governo. Mas também em Fevereiro os submarinos inimigos deram sinal de sua presença, afundando o "Lady Hawkins", no qual pereceram muitas mulheres e crianças, e o almirante Hoover ainda continuava com o equipamento de distrito, em vez do de fronteira, propriamente.

Dias de ansiedade

MAS que é que poderiam dar-lhe? Distante, nos confins do Pacífico, Singapura tinha caído em poder dos japoneses; a Austrália estava sob iminente ameaça de ser invadida e Pearl Harbor ainda corria perigo, com seus navios avariados e enterrados na lama. Os submarinos nazistas estavam concentrando seu ataque contra os navios petroleiros e não deixariam de formar um círculo de destruição na zona dos poços petrolíferos de Maracaibo e das refinarias de Curaçao. Mas o melhor que o comando da defesa do Mar das Antilhas podia dispôr eram hiates como o *Yippee*, alguns aviões e a ajuda que o Exército lhe pudesse prestar.

Mas naqueles meses difíceis da guerra, os grandes e velozes aviões militares, as "Fortalezas Voadoras" e os B24, também eram necessários para sustar a avançada japonesa. Tudo que o comando militar das Antilhas podia trazer eram alguns velhos aviões B18—máquinas respeitáveis, mas vagarosas, de curto alcance e mal armadas. O comando nem estava coordenado com o da Marinha, só tendo sido depois que se estabeleceu a fronteira marítima. Dar solução aos problemas de operação de conjunto não foi a menor tarefa que o almirante Hoover teve que enfrentar.

O novo Comando do Mar das Antilhas dispunha de algumas corvetas inglesas, assim como de dois navios da Marinha holandesa e, mais tarde, de unidades da Marinha brasileira. Todos esses navios tinham que operar não somente de Porto Rico, como de vários outros portos, de nações diferentes.

Somente para criar o comando foi preciso, de fato, uma série de acórdos diplomáticos que poderiam ter absorvido anos para a sua conclusão, em tempo de paz; mas, foi sob a pressão da guerra que tudo teve que ser resolvido, quando os torpedeamentos aumentavam cada vez mais. Os alemães seguiam, naturalmente, uma lógica estratégia de abandonar a costa do Atlântico, onde o patrulhamento estava bem organizado, para agirem numa área cuja defesa era, praticamente, nenhuma. Quando o *Yippee* 219 chegou, os submarinos estavam afundando navios numa média de quase um por dia. Ordens foram expedidas para fazer concertos no 219 e mandá-lo para Trinidad, imediatamente.

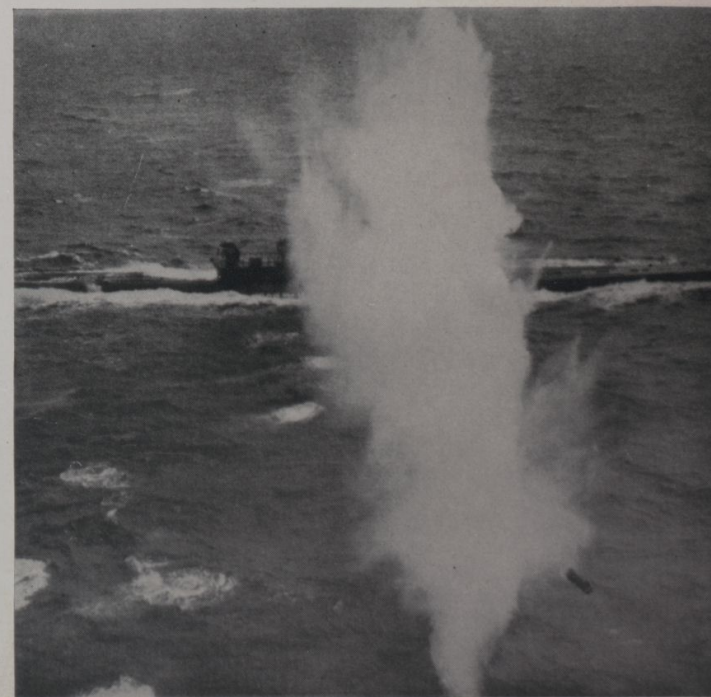
A fronteira marítima

ESSA era uma das bases de três setores sob as quais o almirante Hoover tinha organizado a sua fronteira marítima. Cada uma tinha seu quartel-general num ponto determinado, principal, sob as ordens de um contra-almirante — um para a passagem ao norte, por Cuba, sob o comando do contra-almirante Weyler, em Guantanamo; outro, pelas refinarias, em Curaçao, sob o comando do contra-almirante Robinson, que trouxe o cruzador "Marblehead", avariado, de Java para os Estados Unidos, quando ninguém supunha que isso fosse possível; e, finalmente, outro para Trinidad, sob o comando do contra-almirante Ollendorf, para a parte sul do Mar das Antilhas, área de grande importância estratégica.

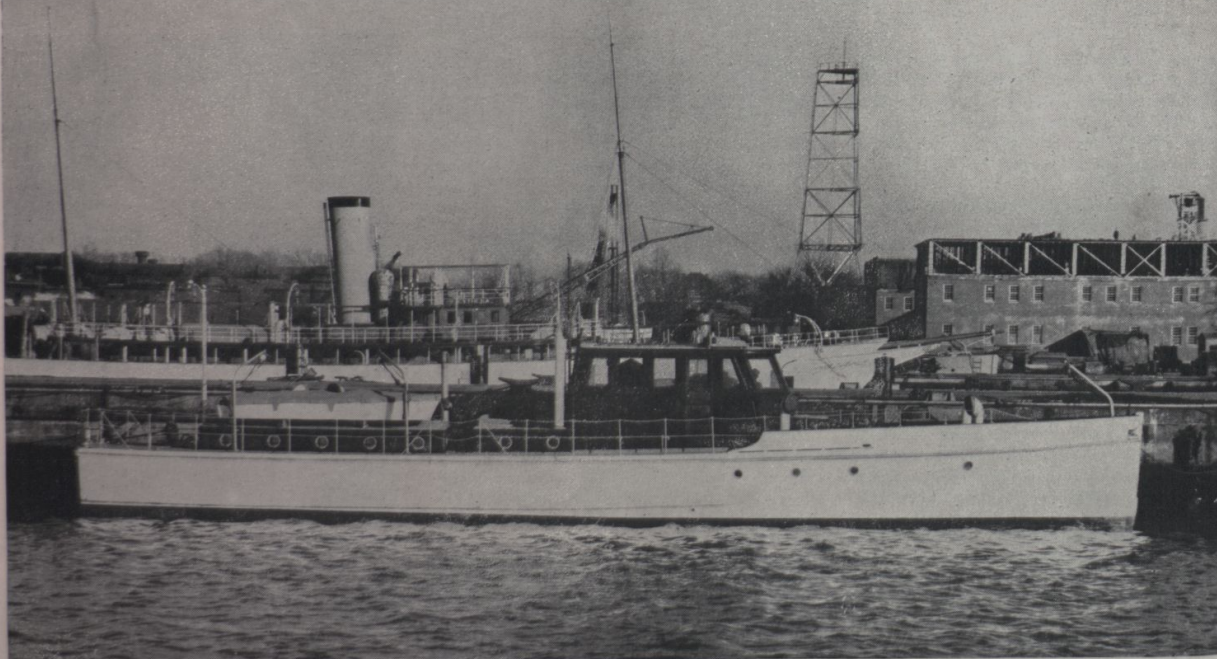
Quando o YP219 chegou, o comando estava sendo organizado de alto a baixo e deu provas da sua unificação — o primeiro exemplo verificado nos Estados Unidos, nesta guerra. O almirante Ollendorf era o comandante-em-chefe; todas as ordens eram dadas em seu nome. Na parede de uma das salas havia um grande mapa, onde eram colocados, com alfinetes, pequenos símbolos dos navios em movimento em toda a área, assim como dos aviões disponíveis ou em movimento, e dos submarinos. O dia todo, vários oficiais se encarregavam de observar os símbolos, de acôrdo com as informações recebidas sobre os afundamentos e os contatos feitos com os submarinos, que não perdiam ocasião de atacar.



O mecânico Thomas Duda, no serviço de patrulha anti-submarina no Mar das Antilhas, onde, em Julho de 1942, os torpedeamentos aumentavam constantemente. Os aviões bombardeiros foram a solução



Um dos primeiros ataques contra os submarinos, feitos pela aviação norte-americana, no Mar das Antilhas. Os pequenos barcos, como o YP219, muitas vezes descobriam os corsários e davam o alarma



Dêse centro, as informações eram transmitidas a um oficial do Exército cuja função era designar as unidades navais e aéreas que deviam escoltar os navios em trânsito pela área. Muitos desses navios recebiam ordens de viagem até Trinidad, apenas; até mesmo os comandantes não sabiam qual era o porto final de viagem. Em Trinidad recebiam abastecimentos, combustível, faziam os concêrtes necessários e aguardavam a formação dos combóios.

A proteção aérea dos combóios era feita por uma estranha mistura de aviões do Exército, da Marinha e do Corpo de Infantaria de Marinha, os quais, às vezes, agiam sob as ordens de um oficial coordenador, que podia pertencer a qualquer dos grupos.

O plano da ação

ESSA foi a organização da qual o YP218 se tornou parte, na zona de combate. Sua guarnição de 12 homens não fazia idéia alguma do que ia por trás bastidores, no Comando das Antilhas.

A ilha de Trinidad tem duas longas pontas, cujas extremidades são separadas de duas outras que se alongam da costa de Venezuela, por duas bocas que dão passagem, respectivamente, ao norte e ao sul, para o golfo de Parí. Em Julho, os alemães estavam tão certos da insignificante proteção que nós tínhamos, que seus submarinos entravam pelas bocas a dentro. Via-se, de repente, durante a noite, uma coluna de fogo e, em seguida, um choque surdo, como o de um trovão. O YP219 recebia ordem imediatamente para ir socorrer os sobreviventes, que se debatiam nas águas.

Do primeiro navio vieram trinta e cinco, e do segundo, cinquenta e cinco. Alguns tinham queimaduras, outros estavam feridos, havendo algumas mulheres. Era difícil acomodar todos no hiate, que era de escassas acomodações para a sua própria tripulação. Havia sobreviventes que tinham sido salvos por navios que, por sua vez, foram torpedeados antes de deixá-los em terra. Naquela época, os alemães estavam vencendo em toda a linha e nem se preocupavam com a técnica dos ataques em massa, usada no norte do Atlântico. Um submarino ficava perto dos bocas e avisava qualquer outro que estivesse nas proximidades da rota de um combóio. Este era certo perder alguns dos seus navios. Em toda a área do Mar das Antilhas as mesmas cenas se reproduziam naqueles tempos desastrosos — nas passagens em redor de Cuba e da República Dominicana e até mesmo ao largo de Curaçao, onde um submarino metralhou as refinarias de petróleo, e outro torpedeou a grande canhoneira *Erie*, uma das melhores unidades da pequena frota defensiva.

Havia perigo até mesmo dentro dos portos, muitos dos quais, nas ilhas, são apenas espaços abertos. Os submarinos entravam à noite, para torpedear navios nas próprias docas. O almirante Hoover trabalhava até às altas horas da noite, e a área das Antilhas estava se tornando mar mais perigoso de todos.

É impossível determinar exatamente o momento em que a situação começou a melhorar. Para isso contribuíram muitos elementos. Teria sido em Julho? Uma esquadilha de aviões PBY, os gigantes hidroplanos, chegou nesse mês. Seus pilotos tinham acabado de terminar o curso de aeronáutica. "Mandem-nos para Trinidad", disse John Hoover, contrariando o seu chefe da aviação, que salientava o fato de não terem os pilotos prática alguma de bombardeio. O almirante deu-lhe oito dias para instruí-los. Com a chegada desses bombardeiros, capazes de permanecer ao largo da costa a

noite inteira, os torpedeamentos nas imediações das bocas cessaram. O YP219 agora podia servir de escolta novamente, pelo menos até certa distância da costa, onde a penosa tarefa de recolher naufrágos tinha recommçado.

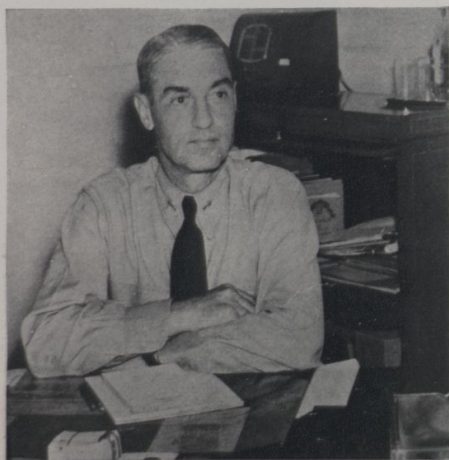
Também em Julho um vôo mais ao norte registou a primeira destruição de um submarino, considerado como fato definitivo, de acôrdo com as normas rigorosas da Marinha. O avião surpreendeu um submarino durante a noite e largou um sinal luminoso. O submarino sumbergiu tão rapidamente que, quando o avião deu a volta, já o inimigo tinha desaparecido. Mas a luz revelou uma segunda silhueta no mar. O avião avariou o submarino, com uma bomba e a corveta canadense "Oakville" chegou a tempo de partir o submarino ao meio.

Não obstante, no mês de Julho os torpedeamentos estavam em escala ascendente. Teria sido então em Agosto o momento decisivo? Nesse mês outros aviões vieram crescer a esquadilha dos PBY. Também vieram os navios lança-rêdes anti-submarinas, para proteger os ancoradouros. Uma esquadilha de aviões "Lockheed Hudsons" chegou, procedente do Comando Britânico da Costa, com pilotos que tinham três anos de guerra e de caça a submarinos. Vinham trazer ao Comando das Antilhas aquilo que até então faltava — a velha prática de combate contra um inimigo ardiloso e pertinaz.

A ação aérea

EM Setembro, foram fornecidas mais bombas de profundidade. Antes, muitas delas eram simples bombas terrestres com uma ponta aguda improvisada de cimento, para afundar mais rapidamente. Em Setembro chegaram também numerosos barcos caças-submarinos. Havia alguns no serviço, mas não eram bastantes. Agora vinham em grande quantidade, êses barcos de 30 metros, aperfeiçoamento dos pequenos barcos que Loring Swasey, de Boston, tinha desenhado para os aliados, na última guerra, durante a campanha anti-submarina.

Os caça-submarinos foram designados para missões, de acôrdo com a sua capacidade de combustível. Assim tinha que ser. Havia necessidade de unidades de escolta em condições de proteger os combóios em todo o percurso de área, do Panamá a Guantanamo, em Cuba, e de Trinidad a Nova Orleans. Em Setembro, os submarinos sofreram



O vice-almirante John H. Hoover, que no início da campanha anti-submarina, comandava a área do Mar das Antilhas, que era a séde do décimo distrito naval. Agora ele está servindo no Pacífico

mais do que tinham sofrido desde o começo da guerra; mas o mesmo aconteceu aos navios que eles estavam atacando.

Entramos em Outubro. Juntamente com os caça-submarinos começaram a chegar os barcos patrulhas, em grande quantidade. Estes últimos eram caça-submarinos mais desenvolvidos, à altura das necessidades da segunda guerra mundial. Podiam escoltar longos combóios, não com os confortos de um cruzeiro de tempo de paz, pelas Antilhas, mas, contudo, sem a constante luta pela vida que os pequenos "caças" impunham aos seus tripulantes. E eram em número considerável, conforme comprova o destino do YP219. Em Outubro ou Novembro, o famoso hiate deixou de ser unidade de combate e passou para o serviço de rebocar alvos flutuantes para os exercícios de tiro e de bombardeio dos barcos patrulhas e dos aviões.

O momento decisivo

OUTUBRO foi, sem dúvida alguma, um mês de ataque e de contra-ataque, mas para um submarino cercado de barcos patrulhas, só havia um recurso — fugir. E ainda em Outubro, o grande combóio destinado a Casablanca atravessava o Atlântico; a ofensiva estratégica tinha sido arrebatada aos alemães. Seus submarinos tinham que defender as costas da Europa.

Não quer isso dizer que eles abandonaram as águas das Antilhas. Havia até maiores indícios de que os grandes submarinos nazistas, os comandantes mais ousados e as tripulações mais experimentadas tinham sido designadas para esse teatro da guerra. Mas em fins de Novembro, o almirante John Hoover já sabia que tinha vencido a sua campanha. Barcos patrulhas e destróiers continuavam a chegar, procedentes do norte, mas a grande vantagem estava na arma aérea.

Houve, por exemplo, um dia em que uma esquadilha de "Liberators" partiu com seu formidável carregamento de bombas. Quando estavam ao largo da costa, em pleno oceano, numa distância que, antes, nenhum avião do Comando se arriscava a alcançar, encontraram um grupo de submarinos na superfície, reunidos "em conferência". Os aviões atacaram tão rapidamente, avariando-os tanto que poucos teriam conseguido chegar às águas das Antilhas e alguns nunca mais voltaram para a Alemanha. A história dessa esquadilha, a PBM 244, resume o terceiro período das atividades do Comando da defesa das Antilhas, tal como o hiate YP 219 resume os primeiros períodos.

A esquadilha veio em Dezembro, da sua base de treinamento, fazendo o vôo em etapas, porque seus pilotos eram todos novos, com exceção do comandante, oficial veterano dos porta-aviões que tinha estado na batalha do Mar de Coral. Os pilotos, entretanto, eram jovens, ativos e mostraram-se ansiosos de combater num dos setores mais árdios da guerra.

As horas de serviço eram irregulares. Geralmente faziam o patrulhamento noturno, pois seus aviões podiam decolar ao crepúsculo e permanecer no ar até de madrugada. Para eles não havia folgas, nem podiam se afastar do posto. O calor era tremendo.

A campanha noturna desses aviões foi levada a efeito em segredo e sem divulgação dos resultados. Mas as estatísticas começaram a revelar um contínuo decréscimo de afundamentos.

O artigo acima, de Fletcher Pratt, conhecido escritor militar norte-americano, foi resumido do "Harper's Magazine." Direitos autorais de Harper and Brothers.

Aviões anfíbios "Martin Mariners", da Marinha dos Estados Unidos, voando sobre a bela baía do Rio de Janeiro, passam pela grandiosa estátua de Cristo Redentor, no tope do Corcovado



As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capas-Exército dos EE. UU., Harris & Ewing, Marinha, Ivan Dmitri. Páginas do texto: 1, Harris & Ewing, 2, Harris & Ewing, Acme, Harris & Ewing, 3, PA, 4, Int., 5, Acme, PA, 6, H. & E., Acme, 7, 8, Acme, 9, Exército, 10, CAI, Julien Bryan, 11, CAI, Ernesto Galarza, Pan American Union, Chile-American Association, 12, CAI, 13, Hies, de Triangle, 14, Three Lions, CA, Dept. Hoc. do Café do Brasil, CAI, Studio Rembrandt, Acme, 17, CAI, 18, Look Magazine, Factory Magazine, 19, Charles Phelps Cushing, Factory, 20, Robert Bagby, do F.P.S., 21, Winston Pate, de Camera Club, Peggy Stokes, de Guillemette, Jack Broad, do F.P.C., 22, Carlos Gregori, de Monkmeier, 23, Harle, de Monkmeier, Sowers, de Cushing, 24, Lionel Green, de Frederic Lewis, Charles Phelps Cushing, 25, New England Shipbuilding Corp., 26, Int., 27, Acme, N. Y. Times, de PA, 28, PA, Acme, H. & E., 29, PA, H. & E., 30, Acme, Sinaileiros do Exército, 31, Int., Acme, Int., PA, 32, 33, S. Hurok's Ballet Theatre, 34, Acme, Int., 35, Acme, Coordenador de Assuntos Interamericanos Acme, 37, PA, A. & E., 38, Marinha dos EE. UU., 39, Int., PA, 40, Int.